

**DIA DE ÊNFASE DA PREVENÇÃO CONTRA O ABUSO  
2005**

**MATERIAIS**

**PAZ NO LAR**

Escrito por  
Ron e Karen Flowers  
Diretores dos Ministérios da Família da  
Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia  
&  
Bernie e Karen Holford  
Diretores dos Ministérios da Criança e da Família da  
Divisão Trans-Européia da  
Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia

**Preparado pela Comissão do Dia de Ênfase da Prevenção  
Contra o Abuso Sexual da Associação Geral**

*Adventist Review  
Associação Ministerial  
Departamento de Educação  
Ministério Adventista de Capelania  
Ministérios da Criança  
Ministérios da Família  
Ministérios da Mulher  
Ministérios da Saúde  
Ministérios dos Jovens*

Prezados Diretores:

Nosso mundo é caótico e repleto de lutas. As pessoas estão em busca de paz – um céu na tempestade. Este lugar poderia e deveria ser nossos lares e igrejas, mas nem sempre é assim. O Dia de Ênfase de Prevenção Contra o Abuso é uma tentativa da parte da Igreja Adventista do Sétimo Dia de prover essa paz.

A Comissão de Prevenção Contra o Abuso está muito satisfeita com a resposta que tem recebido ao redor do mundo com respeito ao Dia de Ênfase de Prevenção Contra o Abuso e do aconselhamento pré-nupcial. Com prazer lhes enviamos o pacote contendo os materiais para 2005 a fim de que possam ser usados nas igrejas.

A cada ano, o conteúdo do pacote é um pouco diferente com vistas a atender as mais variadas necessidades. Neste ano, além do sermão e do seminário, incluímos também a história para as crianças com uso de marionetes. Talvez os jovens da igreja poderiam colaborar nessa parte.

Incluímos também vários materiais que podem ser de benefícios aos senhores, ao pastor, à comissão da igreja e àqueles que ajudam a instruir a igreja quanto ao abuso. Os senhores notarão o tom internacional do material. O artigo sobre a “Violência Doméstica” do Dr. Paul Wangai Jr, foi pela primeira vez publicado na Divisão Oriental Africana e reproduzido com sua permissão. Ele escreveu esse artigo durante o CEO de Nairobi, Quênia, onde o Centro de Recuperação da Violência Sexual recebia uma média de 2.000 mulheres por mês. O artigo: “O Outro Lado do Silêncio” foi recomendado por Joy Butler, da Divisão do Sul do Pacífico.

Leia mais a respeito no site: <http://www.newint.org/issues373/contents.htm>.

Estamos também incluindo a sétima brochura referente ao abuso. Esta se destina ao pastor. Talvez seja a mais importante da série – o sucesso do pastor em lidar com o abuso irá determinar o sucesso da igreja na prevenção do abuso. Este material pode ser traduzido e entregue ao pastor.

O Dia de Ênfase de Prevenção Contra o Abuso continuará a fazer diferença na vida de muitas pessoas apenas na medida seu apoio e ajuda para fazer com que a mensagem chegue à igreja local. Assim como a Igreja Católica foi sacudida pelos escândalos de abuso sexual, um ou dois anos atrás, fiquei agradecida de que nossa Igreja foi poupada em grande parte. Creio que a prevenção e medidas proativas são parte da razão; devemos estar alertas e agir.

Que Deus os abençoe, bem como aqueles que trabalham com os senhores.

## **PROGRAMA SUGESTIVO PARA O CULTO**

### **Prelúdio**

**Chamado ao Culto:** Salmo 63:1-5.

### **Doxologia**

### **Oração**

**Leitura Responsiva:** \*"Bênção da Paz" – ou a Leitura Responsiva 2.

**Hino de Louvor:** "Quão Grande És Tu" – HA 34, ou outro hino de louvor.

**História para as Crianças:** Como o Malhado e o Listrado Fizeram as Pazes

### **Oração Pela Congregação**

### **Oferta**

### **Música Especial**

**Sermão:** “

**Hino:** ????????????????

### **Oração**

\*"Bênção da Paz"

### **Poslúdio**

\* A "Bênção da Paz" pode ser usada no lugar da Leitura Responsiva ou como uma bênção para o encerramento.

## Leitura Responsiva 1:

### ***Bênção da Paz***

Criança 1: Vocês vêm em paz?

**Congregação:** ***Não me venha falar em paz.***

Criança 2: Não haverá paz e segurança durante a minha vida?

Criança 1: Ouvem-se gritos de pânico, de pavor e não de paz.

**Congregação:** ***Esperávamos paz, mas não veio bem algum; esperávamos um tempo de cura, mas há somente terror.***

Criança 2: O Senhor é paz.

Criança 1: Estabelecerei paz na terra, e vocês se deitarão, e ninguém os amedrontará.

**Congregação:** ***Em paz me deito e logo adormeço, pois só tu, Senhor, me fazes viver em segurança.***

Criança 2: Farei uma aliança de paz com eles; será uma aliança eterna. Eu os firmarei e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles para sempre.

**Congregação:** ***Sujeite-se a Deus, fique em paz com ele, e a prosperidade virá a você.***

Criança 1: O meu povo viverá em locais pacíficos, em casas seguras.

**Congregação:** ***Melhor é um pedaço de pão seco com paz e tranqüilidade do que uma casa onde há banquetes e muitas brigas.***

Criança 2: Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado ... E ele será chamado ... Príncipe da Paz. Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim.

**Congregação:** ***O castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados.***

Criança 1: Ele veio e pregou a paz para vocês: "Deixo-lhes a paz; a minha paz lhes dou. Não a dou como o mundo a dá. Não se perturbe o seu coração, nem tenham medo. ... Tenham ânimo! Eu venci o mundo".

**Congregação:** *Senhor, tu estabelececes a paz para nós; tudo o que alcançamos, fizeste-o para nós.*

Criança 2: Assim como o Pai Me enviou, Eu os envio. Bem-aventurados os pacificadores.

**Congregação:** *Como são belos nos montes os pés daqueles que anunciam boas novas que proclamam a paz.*

Criança 1: Todos os seus filhos serão ensinados pelo Senhor, e grande será a paz de suas crianças.

Criança 2: Vocês sairão em júbilo e serão conduzidos em paz; os montes e colinas irromperão em canto diante de vocês, e todas as árvores do campo baterão palmas. Misericórdia, paz e amor lhes sejam multiplicados.

(Adaptado das seguintes passagens da NVI: II Reis 9:19; 9:18; 20:29; Jeremias 30:4; 8:15; Juízes 6:24; Levíticos 26:6; Salmo 4:8; Ezequiel 37:26; Jó 22:21; Isaías 32:18; Provérbios 17:1; Isaías 9:6; 53:5; João 14:27; 16:33; Isaías 26:12; João 20:21; Mateus 5:9; Isaías 52:7; 54:13; 55:12; Judas 2.)

## LEITURA RESPONSIVA 2?

### PAZ

Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!

**Pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo,  
que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões;  
antes, sejais inteiramente unidos,  
na mesma disposição mental e no mesmo parecer.**

Assim, pois, seguimos as coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros.

**A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura;  
depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia  
e de bons frutos, imparcial, sem fingimento.**

Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça,  
para os que promovem a paz.

**Aperfeiçoai-vos, consolai-vos,  
sede do mesmo parecer, vivei em paz;**

E o Deus de amor e de paz estará convosco.

[Salmo 133:1; I Coríntios 1:10; Romanos 14:19; Tiago 3:17; 18; II Coríntios 13:11.]

## Como o Malhado e o Listrado Fizeram as Pazes

*The Toymaker, adaptado por Ron Flowers\**

*Esta história ilustra, de uma forma notável como os seres humanos estão ligados por meio de seu Criador. Serão necessários vários blocos pequenos de madeira ou papelão, um espelho pequeno, duas varas pequenas e dois pequenos fantoches, um com o rosto malhado e o outro com o rosto listrado.*

Malhado:	( <i>Ele entra cantando.</i> ) Eu sou como você, você é como eu. Somos iguais uns aos outros e isso é divertido! Obaaa!	Listrado:	Nós!
	( <i>Malhado e listrado riem.</i> ) Bem, o que vamos fazer hoje? Você gostaria de construir algo com meus blocos?	Malhado:	( <i>Risada</i> ) Você quer dizer listras. Nós temos listras!
Listrado	Não sei. Você vai construir algo com meus blocos.	Listrado:	Bem, eu sei fazer diferença entre malhas e listras!
Malhado:	( <i>Risada</i> ) Bem, realmente não importa quem irá construir com o que, já que somos parecidos.	Malhado:	Tudo o que sei é que temos listras!
Listrado:	Sim!	Listrado:	Malhas!
Malhado:	Não é bom que ambos tenhamos o mesmo tipo de cabeça!	Malhado:	Listras!
Listrado:	Sim, e o mesmo tipo de mãos.	Listrado:	Malhas!
Malhado:	Sim, e o mesmo tipo de camisa.	Malhado:	Malhas! Quero dizer, listras!
Listrado:	Sim, e o mesmo tipo de malhas!	Listrado:	Não seja tolo. Olhe para você!
Malhado:	O que você disse?	Malhado:	Como olhar para mim mesmo?
Listrado:	Eu disse que é bom que tenhamos o mesmo tipo de malhas!	Listrado:	Em um espelho! Aqui!
Malhado:	Quem tem malhas?	Malhado:	( <i>Ele olha.</i> ) Ei! Realmente possuo malhas!
		Listrado:	Foi isso o que eu lhe disse. Temos malhas!
		Malhado:	Não! Não! Assim como eu! Você tem listras. ( <i>Ele o projeta no espelho.</i> ) Veja!
		Listrado:	( <i>Olhando-se no espelho</i> ) Ei, realmente tenho listras!
		Malhado:	Foi isso o que eu lhe disse.

- Listrado: Verdade! E elas são muito bonitas também! *(Ele diz para si mesmo.)* Ele não tem listras. Somente eu as possuo. Deve haver algo especial sobre mim. Acho que não tenho mais nada que ver com ele. *(Admirando-se novamente no espelho)* Hum, hum! Você é bonito!
- Malhado: *(Olhando novamente para o malhado, fala consigo mesmo.)* Ele é diferente de mim. É melhor vigiá-lo. Não se pode confiar em pessoas diferentes! Elas podem tirar proveito de você. Não quero saber mais nada dele. Antes, vou brincar com os meus blocos. *(O listrado começa a levantar uma parede com seus blocos.)*
- (O malhado começa a construir uma também. A parede se ergue entre eles com cada um acrescentando um bloco quando o outro não está olhando.)*
- Listrado: Pronto! Agora você fica do seu lado da parede! Não permitirei ninguém aqui a menos que tenha listras como eu!
- Malhado: Tanto faz! Não ficaria do seu lado, mesmo que você me implorasse! Listras! Listras não são nada. Qualquer um pode ter listras. Tem um tipo de esquilo com listras. *(Ele grita sobre o muro.)* Os gambás têm listras!
- Listrado: *(O listrado, triste com o que o malhado disse, rivaliza do outro lado e faz zombarias.)* Nhã, nhã, nhã, nhã, nhã. Que tolice! *(Ele se esconde atrás da parede e então grita.)* E daí, o que você vai fazer? *(Não há resposta)* Qual é o problema? Você é orgulhoso?
- Malhado: *(Malhado se insinua junto ao muro e faz um ruído como o estampido de uma bala.)* Pan! Pan! Pan! *(Ele fica exultante.)*
- Listrado: Parecem tiros! Serei atingido se for uma bala! Ele está se aprontando para guerra contra mim! *(Com um ar temeroso)* Não quero lutar contra ele. Que farei?
- Malhado: E então, o que você acha, listrado? *(Silêncio)* Está muito quieto aí. Ele está tramando alguma coisa. Provavelmente se preparando para atingir-me! Não quero lutar contra ele! Não quero brigar com ninguém! Se apenas pudesse assustá-lo suficientemente, então ele não ousaria agredir-me!
- Listrado: *(O listrado fingiu ser uma grande cobra e começou a imitar o silvo e os gestos de ataque de uma serpente.)* Sou uma grande cobra! *(Risada)* Quando o velho malhado encontrar-me, irá correr como uma menina! ah, ah, ah!
- Malhado: *(O malhado fingiu ser um leão e rugiu ferozmente.)* Sou um leão. *(Ele riu.)* Quando o listrado encontrar o rei das selvas irá desmaiar. *(Mais risadinhas.)* Acho que é melhor treinar mais meus rugidos.
- (Cada um ficou rondando o seu lado do muro, pronto para olhar por cima dele para assustar o outro.)*

- Ambos: *(Subitamente eles olharam por cima do muro, fazendo seus ruídos e gestos selvagens um para o outro. Ambos gritaram de medo e se esconderam.)*
- Malhado: *(Chorando)* Ele é grande demais e não posso lutar contra ele! Sou muito pequeno! *(Ele chora)* Preciso de ajuda! Eu só tenho uma cabeça pequena, minhas pequenas mãos e minha blusa pequena ... *(Ele descobre um grande braço e então vê o Fabricante)*. Oh! Quem é você?
- Fabricante: Eu sou o Fabricante!
- Malhado: O que você fabrica?
- Fabricante: Eu fiz você.
- Malhado: Você me fez?!
- Fabricante: Sim.
- Malhado: Então você gosta de mim?
- Fabricante: Sim, muito.
- Malhado: Bem, se você gosta de mim, deve estar do meu lado! E você é muito grande também! Muito maior do que meu inimigo, o Listrado.
- Espera até que eu pegue um bastão e então mostrarei ao velho Listrado quem é mais importante aqui. *(Ele sai para procurar o bastão.)*
- Listrado: *(O Listrado queixa-se e chora.)* O que farei? Não posso lutar contar ele. Ele é muito feroz. Já sei o que farei, irei me esconder. Aqui há uma montanha. *(O peito e ombro do Fabricante.)* Subirei na montanha e me esconderei. *(Ele sobe pelo braço do Fabricante e aconchega-se no seu pescoço.)*
- Fabricante: O que você está fazendo?
- Listrado: Estou subindo nesta montanha ... Ei, espere um minuto! ... Montanhas não podem falar! Olhe aqui, você é apenas uma montanha!
- Fabricante: Não, eu sou aquele que o fez!
- Listrado: Bem, quando você chegou aqui?
- Fabricante: Estou aqui o tempo todo.
- Listrado: Mas eu nunca o vi antes!
- Fabricante: Você nunca olhou. Mas eu estou aqui com você a cada minuto.
- Listrado: Verdade?!!! Bem, então eu posso tirar as malhas do Malhado! Você estará bem atrás de mim?
- Fabricante: Óh, eu estarei tão perto como agora!
- Listrado: Ótimo! *(Dizendo consigo mesmo)* O que ele quer dizer com isso? Mas, com ele atrás de mim, como poderei perder! *(Ele retira-se para apanhar sua arma.)*
- (O Malhado volta com um bastão, cantarolando um hino de batalha atrás do muro. O Listrado aparece com uma vara.)*

- Listrado: *(À postos do seu lado do muro)* Muito bem, você aí do outro lado, prepare-se para lutar como um homem! *(Ele golpeia o ar com sua vara.)* Eu o desafio! *(Ao agita-la ele quebra partes do muro e eles fazem caretas um para o outro.)*
- Malhado: *(Desafiando)* É melhor não ferir ninguém com essa vara, rapaz!
- (O Malhado chora enquanto os golpes o atingem.)* Ai! Ai! Ai!
- (Eles trocam golpes, com gritos e choro de dor. Finalmente dão uma cabeçada um contra o outro e caem inconscientes.)*
- (Quando o Malhado recobra a consciência, o Fabricante está sentado atrás.)*
- Malhado: O que aconteceu! Algo saiu errado. O que foi feito do Fabricante?
- Fabricante: Eu ainda estou aqui.
- Malhado: Bem, eu pensei que você estivesse do meu lado!
- Fabricante: Eu estou.
- Malhado: Então por que não me ajudou a bater no Listrado?
- Fabricante: Porque eu também estou do lado dele. *(O Listrado recobra a consciência.)*
- Listrado: Você está?
- Fabricante: Claro que sim. Eu fiz vocês dois, e amo a ambos. E não poderia ir contra nenhum de vocês. Além do mais, vocês são a mesma coisa.
- Malhado: Ah, não, não somos. Somos muito diferentes! Eu não tenho nada em comum com ele!
- Fabricante: Bem, vejamos se é assim mesmo. Listrado, vá em frente e bata no Malhado.
- Malhado: Ei, espere um minuto!
- Fabricante: Calma, Malhado. Eu apenas quero mostrar-lhe algo. Vamos, Listrado.
- Listrado: *(O Listrado dá um soco no Malhado. O Malhado geme de dor. O Listrado ri a princípio, então abaixa tristemente a cabeça.)* Ooooh!
- Fabricante: O que foi, Listrado?
- Listrado: Não sei ... não me sinto bem. Acho que realmente não queria bater nele.
- Fabricante: É isso que eu quero que ambos compreendam. Vocês sabem o que são?
- Listrado: Claro! Aqui está minha cabeça, minhas mãos e minha blusa e meu ... ã ... ã ... e seu braço, e seu ombro e você! Eu sou parte de mim mesmo e parte você!
- Fabricante: Sim, mas há algo mais do que isso. Vamos, continue.
- Listrado: Bem, há seu outro ombro e seu outro braço e então ... o Malhado! Nossa, o Malhado! Todos somos

uma única  
coisa!  
Você, eu e  
o  
Fabricante!

Malhado:

Fabricante:

Listrado:

Fabricante:

Malhado:

Fabricante:

*(Para o  
Listrado)*

Então,  
quando  
você me  
fere, você  
sente a  
dor  
porque ...

Por quê?

Porque na  
verdade  
estou  
ferindo  
uma parte  
de mim  
mesmo.

É isso  
mesmo.

Mas  
espere!  
Eu tenho  
malhas e  
ele tem  
listras. Se  
somos a  
mesma  
coisa, por  
que não  
somos  
parecidos  
?

Nunca  
faço com  
que duas  
coisas  
sejam  
exatamente  
e iguais.  
Ainda,  
como  
alguém  
poderia  
distingui-  
las? Mas  
vocês são

realmente o mesmo. São de fato  
parte de mim.

Listrado: Ei, Malhado?

Malhado: O que foi?

Listrado: Se o Fabricante está sempre conosco, então não precisamos ter medo! Ou ficarmos zangados ou sozinhos.

Malhado: Você pode brincar com meus blocos quando quiser!

Listrado: Obrigado! Isso me deixa muito feliz.

Malhado: Obrigado! Isso me deixa muito feliz.

Ambos: E isso também me deixa feliz! (*Eles riem satisfeitos.*)

(*Eles cantam*). Eu sou igual a você, e você é igual a mim. Somos um parte do outro e isso é muito bom.

---

\* Adaptado do script do filme *The Toymaker* (1959). Direitos Autorais Alfred Wallace. Usado mediante permissão de Adelaide

## UM NOVO PLANO PARA O PODER NO RELACIONAMENTO

Por Karen e Ron Flowers

### Desfrutando da Brincadeira Até que ...

Quando eu era garoto, cursando a quarta série, a velha gangorra do parquinho da nossa escola quebrou. Conteí a meu pai. Num domingo, poucos dias depois, meu pai que era fazendeiro e construtor, chamou-me enquanto carregava o caminhão da fazenda com um tronco de árvore e ferramentas para irmos até minha escola que tinha apenas uma sala, na cidade. Ele retirou o que sobrara da gangorra e instalou uma nova. Na segunda-feira cedo, fui o primeiro a chegar na escola e orgulhosamente apresentar a cada aluno que chegava a gangorra novinha em folha, recém-pintada com o resto da tinta usada na pintura do celeiro.

Todos queriam se revezar brincando. Por um tempo as coisas deram certo com os amigos brincando e se revezando no sobe e desce. Então algo mudou. Os meninos começaram a deixar as meninas paradas no alto e balançando no ar. O parquinho ficou cheio de gritos estridentes rogando para serem colocadas no chão enquanto nós meninos da quarta série (sinto tristeza agora) nos divertíamos com a visão. Então, em um recesso, eu estava brincando na gangorra quando alguns meninos realmente grandes da quinta série empurraram meu amigo e tomaram o lugar dele. Instantaneamente eu fui jogado para o ar e saltei no assento. Estava com medo. “Você quer descer?”, eles zombaram por alguns instantes. “Está bem, você irá descer!” E dito isso o menino saltou da gangorra e eu me espatifei no chão! Embora machucado, de alguma forma consegui ficar sem ossos quebrados. Por muito tempo, evitei a gangorra. Esse brinquedo que uma vez fora meu orgulho e me trouxera tanta alegria, tornara-se um lugar de dor.

**“Gangorras” do relacionamento.** Os relacionamentos íntimos se parecem a uma gangorra. Cada um de nós dá certo “peso” ou “poder” ao relacionamento. A forma como usamos nosso peso afeta nossa experiência e a experiência de nosso parceiro. Assim como a brincadeira na gangorra parece mais satisfatória quando alcançamos um senso de equilíbrio e um ritmo agradável, de igual forma todos experimentem maior satisfação no relacionamento quando há boa vontade, aceitação incondicional e amorosa consideração um pelo outro. O apóstolo Paulo fez uma afirmação interessante que descreve a atitude necessária em nossa gangorra relacional. “Cada um cuide não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros” (Filipenses 2:4, NVI).

Neste verso delicadamente elaborado o apóstolo coloca “nossos próprios interesses” em uma das extremidades da gangorra relacional e os “interesses dos outros” na outra ponta. Ambos devem receber a devida atenção. A expressão “mas também” que aparece no meio, age como um ponto de apoio que ajuda a equilibrar os dois. Assim como devemos amar nossos semelhantes como a nós mesmos (cf. Mateus 22:39), de igual forma é apropriado que cada um “cuide não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros”. Portanto, Filipenses 2:4 assegura que o conceito de “considerar os outros superiores” do que nós, no verso 3, não significa negligenciar os interesses pessoais vitais. Quando este princípio evangélico, relativo à harmonia, não é seguido, onde não estão presentes a benevolência, a aceitação e o respeito, os

relacionamentos podem ser insatisfatórios na melhor das hipóteses e, na pior, doloroso, até mesmo aterrador.

### **Desequilíbrio nos Relacionamentos**

O egoísmo provoca a falta de equilíbrio no relacionamento. Caso sejamos egocêntricos, normalmente, somos insensíveis às necessidades e sentimentos dos outros. Se não nos sentirmos valorizados ou seguros, podemos tentar elevar nossa condição ao colocar os outros para baixo. Somos ásperos com nosso companheiro. O egoísmo se manifesta de várias formas.

**Domínio.** Algumas pessoas são do tipo dominadoras e buscam relacionamentos com pessoas mais submissas.

A busca do status social. Alguns buscam conquistar o peso social que a sociedade, muitas vezes, confere àqueles que possuem certos atributos. Os ricos desfrutam de maior status do que os pobres, os que estão empregados são mais respeitados do que aqueles que não têm trabalho. As pessoas instruídas são consideradas como tendo mais valor do que as que não receberam instrução; os fisicamente atraentes são ostentados acima dos considerados menos atraentes. Os talentosos são mais procurados e recompensados do que aqueles com menos talentos.

**Agressividade e abuso.** Aqueles que têm em vista apenas o seu prazer na gangorra, que são egocêntricos e insensíveis às necessidades e aos sentimentos dos outros, tendem a ser mais agressivos. Daí ocorre o abuso quando a pessoa usa seu poder real ou subentendido para controlar a outra pessoa. Trata-se de buscar aquilo que eu quero às expensas dos outros.

### **Disputa pela posição na gangorra**

Tenta lidar com a situação. Visto a família ser tão importante para a pessoa, haverá aqueles mais fracos que farão o seu melhor para se ajustar, simplesmente para manter a família junta, simplesmente para evitar o conflito, apenas para alcançar a estabilidade e o equilíbrio na família. Alguns irão mesmo se sacrificar e aceitar o abuso, embora os relacionamentos familiares sejam fonte de infelicidade e de dor.

Deus não exige que a pessoa que está sofrendo o abuso no relacionamento permaneça nessa situação e suporte a dor. Aqueles que trabalham com vítimas de abuso sabem que muitos têm grande dificuldade para soltar-se das amarras que os prendem a seus agressores.

Embora alguns se submetam para alcançar o equilíbrio, outros enfrentam. Podem optar por formas ruins de se manifestarem com vistas a corrigir o desequilíbrio de poder em sua gangorra relacional, e impedir que se veja constantemente “balançando no ar”.

**Como não permitir o efeito gangorra: Isaque & Rebeca.** A luta na gangorra relacional é ilustrada pelo casal Isaque e Rebeca (Gênesis 27). Isaque puxou seu filho mais velho, Esaú, para seu lado na gangorra conjugal. Ele o favoreceu e traçou um esquema para conceder-lhe o direito à primogenitura, a despeito da instrução de Deus e sem consultar a esposa. Isaque racionalizou que o costume o favorecia e empregou uma desculpa dizendo que deveria agir imediatamente visto já estar velho e fraco, quando, na verdade ainda tinha muitos anos de vida.

Rebeca se opôs ao trazer para seu lado o segundo filho, Jacó, seu predileto. Aproveitando-se da falta de visão do marido e de seu conhecimento das preferências e hábitos dele, ela buscou obter o poder para si no relacionamento e promover os interesses de Jacó, o filho a quem amava. Determinou que Jacó deveria receber a bênção da primogenitura. Além do mais, não havia Deus profetizado que o mais velho (Esaú) serviria o mais novo (Jacó) (cf. Gênesis 25:33)?

Tanto Isaque quanto Rebeca agiram para assegurar maior poder do seu lado e deliberadamente envolveram os gêmeos no conflito. Contudo, como sempre é o caso, em vez de alcançar o equilíbrio no relacionamento, o resultado inevitável foi o conflito e a dor. O conflito conjugal latente foi inflamado e o fogo se espalhou para engolfar os filhos. Como mãe, Rebeca nunca mais viu o filho a quem amava, visto ter ido para Padã-Hará a fim de fugir da ira de Esaú. Ela morreu antes que ele voltasse. Os dois irmãos ficaram brigados por duas décadas. De sua parte, Isaque perdeu a oportunidade, uma em um milhão, de conceder sua bênção ao filho da promessa que assumiria o seu lugar na linha da promessa divina, que levaria ao nascimento do Messias.

**Espinhos e rosas.** Aqueles que se sentem fracos no relacionamento, muitas vezes, despendem muita energia tentando livrar-se da pessoa dominante e controladora em sua família ou no relacionamento. É como se algum script antigo tivesse sendo encenado, lembrando-nos de que Deus criou os seres humanos para serem iguais. Devido à queda e pecado da humanidade, raramente estamos satisfeitos com a igualdade. Temos a tendência de buscar um status superior fazendo esquemas, tramas e buscando trabalhar em favor próprio a fim de sermos superiores aos outros.

O Doug era marido e pai dominador e comandava a família como se fosse um comandante militar. Sua esposa, Matilda, tinha sua forma de agir com ele. Certo dia, por exemplo, ele estava apressando a família para irem a determinado lugar. Entrou na garagem, deu a partida no carro e dirigiu-se para a rua. Esta era sua forma de dizer que ela deveria se apressar.

Quando a Matilda não apareceu, ele buzinou várias vezes. Ela ouviu a buzina e, em vez de correr até o carro, foi até o quintal e tranqüilamente apreciou suas roseiras, retirando algumas ervas daninhas, absorvendo a fragrância de alguns botões. Então, com toda a calma dirigiu-se até o carro. (Flowers, 1997, p. 17).

## **O Novo Plano do Evangelho para os Relacionamentos**

As boas novas do evangelho são que Cristo nos atraiu ao companheirismo com Ele (Efésios 2:19, 20; I João 1:3). Ele triunfou sobre o pecado, pagando seu preço (Romanos 3:25; I João 2:2) e rompendo seu poder (Romanos 6:14; 8:3, 4, 9). Considerando que o pecado provoca divisão, discórdia e o desejo de ser superior ao outro, podemos agora nos relacionar de forma totalmente diferente porque por meio de Jesus somos iguais (Mateus 20:25-27; Gálatas 3:28).

Embora Cristo e os apóstolos não tenham agredido diretamente a sociedade e a cultura, apresentaram idéias de igualdade e de reciprocidade na família de Deus que provocaria transformação de dentro para fora no coração humano. Pense nas barreiras que eles transpuseram.

**Cada grupo étnico incluído.** Os diálogos: de Jesus com o centurião (Mateus 8:5); com a mulher samaritana (João 4:7); de Pedro e Cornélio (Atos 10:34, 35); como também a missão de Paulo aos gentios são testemunhos. “Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável” (Atos 10:34, 35).

**Cada classe social incluída.** Jesus e os discípulos romperam as barreiras entre as classes sociais. Exemplos vivos disso são os contatos de Jesus com todas as classes de pessoas, com nobres (João 4:46-50), com Zaqueu (Lucas 19:2), e com o leproso (Mateus 8:2-4). Em Cristo, escreveu Paulo, não há favoritismo entre os estratos sociais (Efésios 6:9).

Um exemplo dramático dessa inclusão de todos os grupos sociais encontra-se na carta breve, mas profunda, de Paulo a Filemon. Um converso de Paulo, Filemon era um residente abastado de Colossos e, como muitos dessa classe social, tinha escravos. Um escravo, Onésimo, evidentemente havia roubado o seu senhor, fugido e dirigido-se a Roma, talvez na esperança de ficar perdido entre as massas. Então, conheceu Paulo. Este pregou-lhe o evangelho e o aceitou como filho (Filemon 10). Onésimo teve a consciência despertada quanto a sua responsabilidade de arrepender-se e de restituir a Filemon o máximo que pudesse daquilo que lhe roubara.

Ao voltar à casa de Filemon, levava uma carta de recomendação de Paulo. A Bíblia apresenta essa carta. Nela encontramos uma mensagem cristã radical: Receba-o “não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo, ... no Senhor” (Filemon 16). Paulo apresenta a Filemon um conceito revolucionário de reconciliação – para que visse em Onésimo um irmão querido. Por causa de Jesus, os crentes vêem um ao outro através de novas lentes, e amam uns aos outros como membros de uma mesma família.

**“Isto” está funcionando aqui.** Por cerca de três décadas fomos membros de uma congregação em Washington, D.C., verdadeiramente uma comunidade singular de crentes. Quando nos unimos à Igreja Adventista do Sétimo Dia Capital Memorial, foi um processo de mudança de estar, na maioria, entre brancos caucasianos e passar a fazer parte de uma família cristã multinacional, com cerca de 45 nações. Ao longo dos anos, essa igreja tem respondido à pregação das boas novas do amor de Deus e empenhado-se por viver em conformidade com I João 4:11: “Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros”. Para dizer a verdade, a congregação não aprecia especialmente o mesmo tipo de alimento, seu gosto musical é diferente. Os membros contendem nas comissões da igreja, mas com uma liderança dedicada, persistente e centrada em Cristo, esse grupo diverso se torna uma família.

Um momento maravilhoso ocorreu, certa vez, na época da Páscoa, quando a igreja se reuniu na noite de sexta-feira para a cerimônia da santa ceia. Reunidos ao redor da mesa da comunhão, iluminada por velas, os membros deram testemunho de seu amor por Cristo e de uns pelos outros. Um irmão africano, do corpo diplomático da África do Sul, era membro da igreja desde que redescobriu o adventismo em um jejum de oração realizado nessa igreja para os diplomatas e os líderes mundiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia, por ocasião da reunião do Concílio Anual. Vários anos depois, desde então, esse irmão, tão familiarizado com as normas e práticas do apartheid, ainda se maravilhava e expressava o fato de que pessoas de tantas nações pudessem se reunir

para prestar culto, para trabalhar, para brincar e orar juntas. Com o rosto iluminado com brilho maior do que o das velas sobre a mesa, o Ezra se levantou e contou um pouco de sua história. Ainda nos lembramos do comentário repleto de alegria que fez: “Essa coisa de que eles falam (de que o evangelho une vermelhos, amarelos, negros e brancos) está funcionando aqui”.

**Igualdade sexual entre homens e mulheres.** Jesus restaurou a igualdade sexual e a nobreza da mulher. John Stott escreve:

Sem espalhafato ou publicidade, Jesus pôs fim à maldição da Queda, revestindo a mulher com sua nobreza parcialmente perdida, e reivindicando para a nova comunidade de Seu reino a bênção original da criação referente à igualdade entre os sexos. (Stott, 1985, p. 136).

As mulheres estavam entre os discípulos mais próximos de Jesus (Luas 8:2, 3). Paulo reconheceu que em Cristo as velhas barreiras haviam desaparecido: “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gálatas 3:28).

O livro de Atos mostra que as mulheres criam e serviam na igreja lado a lado com os homens. Atos revela o status recém-encontrado em todos os grupos de pessoa em Cristo. Isto não eleva a mulher acima do homem, mas mostra uma comunidade onde todos são iguais e igual uso dos dons existentes na igreja primitiva. A expressão, “com as mulheres” (Atos 1:14), indica sua inclusão com um novo status na nova ordem. Pedro reconhece que o Espírito está sendo derramado sobre os cristãos sem restrição de sexo, no cumprimento da profecia de Joel 2:28, 29 (Atos 2:16-18). Ambos sexos são especialmente mencionados como crentes batizados (Atos 5:14, 8:12). Os evangelistas apostólicos fizeram esforços especiais para alcançar as mulheres (Atos 16:13;17:4). Várias delas que se converteram são mencionadas pelo nome e possuidoras das qualidades da fé, lealdade e serviço assim como os homens: Tabita (Atos 9:36-42), a mãe judia de Timóteo (Atos 16:1), Lídia (Atos 16:14, 15), Damaris (Atos 17:34), e Priscila (Atos 18:2, 18, 26). Priscila (de fato mencionada antes de seu marido, no verso 18; cf. II Timóteo 4:19) parece ter sido especialmente escolhida por seus dons na compreensão bíblica, fervor evangelístico e persuasão juntamente com Áquila. Paulo viveu por algum tempo com o casal e, por fim, levou-os na sua companhia para a obra do evangelismo. Priscila e Áquila novamente encabeçam a lista daqueles que receberam saudações de Paulo por intermédio de Timóteo (II Timóteo 4:19).

**Reciprocidade entre marido e mulher.** A maldição sujeitou a esposa ao marido (Gênesis 3:16). O evangelho enfatiza o amor e o serviço de marido e mulher, de um para com o outro (Efésios 5:21-33).

Como todas as outras boas dádivas de Deus concedidas para a conservação da humanidade, o casamento foi pervertido pelo pecado; mas é o desígnio do evangelho restituir-lhe a pureza e a beleza. (*O Maior Discurso de Cristo*, p. 64.)

O evangelho restaura o casamento “em sua original santidade e elevação” (*O Lar Adventista*, p. 99). Os cristãos buscam restaurar a reciprocidade original conhecida pelo primeiro casal que partilhava da imagem de Deus, que partilhava de um nome “adão”, que partilhava do domínio da terra, e das bênçãos procriadoras de Deus (Gênesis 1:26-28).

Pedro instrui cada marido a dar honra (“grande valor”) a sua esposa, pois ambos são “herdeiros da mesma graça de vida” (I Pedro 3:7). Um texto que enfatiza de forma absoluta como Cristo desejava que houvesse reciprocidade no casamento se encontra em I Coríntios 7:3,4:

O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher.

Alguns reformadores protestantes, que ensinavam a superioridade do marido e a subordinação da esposa tinham dificuldade com essa passagem. Eles concluíram que, no quarto, poderia haver total igualdade e reciprocidade, porém, que em outros ambientes as mulheres deveriam ser submissas. No entanto, o evangelho de Cristo não restringe a reciprocidade conjugal apenas à vida sexual do casal.

Escondia meu salário de minha esposa. Um pastor africano contou sua história:

“Não diga a sua esposa quanto dinheiro você tem”, meu pai cochichou em meus ouvidos, certa tarde, como um de seus conselhos a mim. Tradicionalmente, muitos maridos africanos não contavam às esposas quanto dinheiro possuíam. Todo o dinheiro, toda riqueza pertence ao marido e pai, como o chefe da família. É seu monopólio. Ele o utiliza como deseja, esbanja-o como quer, e a esposa apenas recebe uma pequena porção para roupas, sapatos e alimentos para si e para os filhos. ...

O motivo para não contar à esposa a respeito do dinheiro é uma questão de suspeita de que ela poderá pedir constantemente mais, ou que poderá roubar algum dinheiro e dar a seus pais, parentes e amigos íntimos. Esta suspeita não tem fundamento. Trata-se apenas de um motivo egoísta, e deve ser eliminado.

O fato de ocultar meu salário de minha esposa provocou muitos problemas e mal-entendidos. Ela pedia dinheiro quando eu de fato não tinha nada. Visto não estar envolvida nos acertos financeiros ou no orçamento do lar, não tinha certeza quando eu tinha ou não dinheiro. Assim, fazia exigências. Quase tivemos uma briga feia certa vez.

A solução ocorreu certo dia quando um pastor, em nossa reunião campal, pregou a respeito da família, do orçamento do lar que deve ser preparado conjuntamente pelo marido e pela mulher. O tema era estranho e novo para mim, mas tinha muito significado. A renda deve incluir o total de todo meu dinheiro e dos pequenos projetos financeiros de minha esposa. As despesas devem incluir quatro itens principais:

- Dízimo e ofertas – Dinheiro de Deus.
- Alimentação.
- Todos os itens necessários à vida.
- Poupança ou conta reservada para uso futuro.

Isto salvou meu lar, pois todos sabíamos o que possuíamos e o que devia ser usado. Eliminamos o monopólio que o marido tinha sobre o dinheiro. ...

Haja amor mútuo, mútua paciência. Então, o casamento, em vez de ser o fim do amor, será como que o seu princípio. (*O Lar Adventista*, p. 106).

Esse tipo de reciprocidade deve ser estendida ao planejamento financeiro do orçamento do lar. Isto irá inspirar confiança, segurança e felicidade na vida familiar. (Kisaka, 1991, p. 71).

### **Como o Evangelho Redefine o Poder**

Jesus redefiniu o poder mediante Seus ensinamentos e Seu relacionamento com os outros. Mateus registra o comentário de Jesus quando Tiago e João pediram a sua mãe para lhes assegurar os postos mais elevados em Seu reino:

Então, Jesus, chamando-os, disse: Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos. (Mateus 20:25-28).

**Capacitação.** O resultado prático do reconhecimento de Cristo como Senhor dos cristãos é que o mau uso pecaminoso do poder é substituído pela capacitação.

“A capacitação pode ser definida como a tentativa de estabelecer o poder em outra pessoa. ... A capacitação é o processo de ajudar os outros a reconhecerem os pontos fortes e o potencial interior, como também encorajar e guiar o desenvolvimento dessas qualidades” (Balswick & Balswick, 1987, pp. 44, 45).

Em vez de exercer o “poder sobre”, tornamo-nos “o vento sob as asas” daqueles a quem amamos. Essa abordagem do “poder sob” nos relacionamentos significa que nosso peso sobre a gangorra é usado para elevar aqueles com quem mantemos relacionamentos, para edificá-los, para lhes dar toda oportunidade e incentivo para se tornarem tudo o que podem ser. Atente para estes versos de Paulo, que promovem a “capacitação”:

Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo (Efésios 5:21)

Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo. (Gálatas 6:2).

Assim, pois, seguimos as coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros. (Romanos 14:19).

Consolai-vos, pois, uns aos outros e edificai-vos reciprocamente (I Tessalonicenses 5:11)

Este princípio da capacitação cristã nos relacionamentos significa que já não mais estamos pensando na nossa satisfação na gangorra, desejamos que nosso parceiro

também se divirta. O princípio se aplica na igreja e nos relacionamentos no lar – a igreja menor. Tudo o que aprendemos de Cristo a respeito dos relacionamentos na igreja devem também ser empregados em nosso lar.

## Conclusão

O poder de Deus é poderoso para nos salvar e transformar. No livro *Fulton's Footprints in Fiji*, Eric B. Hare conta a respeito da conversão de Ratu Ambrose. O chefe cruel havia dissipado a vida de muitos de seus fiéis súditos enquanto perseguia seus alvos agressivos. Com o corpo enfraquecido e coberto de cicatrizes, um velho pescador, Matui, havia sobrevivido à torturosa experiência de haver sido uma das “toras” humanas – homens amarrados por cordas e usados como esteira sobre a qual Ratu Ambrose havia lançado suas pesadas embarcações de guerra.

Os esforços evangelísticos do Pastor John Fulton reuniram Ratu Ambrose e Matui na mesma Igreja Adventista do Sétimo Dia. O poder de Deus para transformar corações e hábitos foi poderosamente demonstrado quando os novos crentes celebraram sua primeira Santa Ceia e a cerimônia do lava-pés. Ratu Ambrose prontamente pegou a toalha e a bacia e ajoelhou-se diante de Matui para lavar-lhe os pés. O velho encurvado e alquebrado pescador a princípio resistiu: “Não está certo que o senhor lave meus pés; o senhor é o grande chefe”. Enquanto Ratu Ambrose lavava os pés de seu ex-súdito com lágrimas rolando-lhe dos olhos, ele respondeu: “Há apenas um Chefe aqui nesta sala, nesta noite, e este é Jesus”. (Flowers, 1992, pp. 85, 86.)

## Referências

- Balswick, J., & Balswick, J. (1987, Primavera). A theological basis for family relationship. *Journal of Psychology and Christianity*, 6 (3), 37-49.
- Flowers, K. & R. (10 de abril de 1997). Sharing power: God's new design for personal relationship. *Adventist Review* 18, 16-19.
- Flowers, K. & R. (1992). *Love aflame*. Hagerstown, MD: Review & Herald Publishing Association.
- Kisaka, J. A. (1992). African traditional practices in family life: What to discard and what to retain. In J. Sequeira & P. Habada (Eds.), *Uphold that which is good: Papers from the Pan African consultation on the family* (p. 71). Departamento dos Ministérios da Família da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904.
- Stott, J. (1985). *Involvement: Social and sexual relationships in the modern world*. Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell Company.
- White, E. G. (1952). *O Lar Adventista*, CD-Rom.
- White, E. G. (1955). *O Maior Discurso de Cristo*, CD-Rom.

## GRANDE PAZ PARA OS FILHOS

### **Seminário para Educar Filhos Não Violentos**

*Por Bernie e Karen Holford*

*Diretores dos Ministérios da Criança e da Família da  
Associação do Sul da Inglaterra da Divisão Trans-Européia*

*com Karen e Ron Flowers*

**Nota importante.** *Este programa não se destina a ser um tratamento terapêutico para os agressores ou para as vítimas de abuso e violência nos relacionamentos. Tampouco se destina especificamente para tratamento daqueles que sofreram abuso no passado. O tratamento, nos casos de abuso e violência, pertence a uma rede de profissionais com o devido treinamento e conhecimento. Os líderes espirituais deveriam identificar esses profissionais na igreja e na comunidade e encorajar e apoiar indivíduos com necessidades especiais a procurar tais profissionais. Visto que o seminário abre a questão do abuso e da violência nos relacionamentos, seria prudente que estivesse presente o pastor ou conselheiro (alguém que não esteja envolvido na liderança do seminário), caso a discussão suscite preocupações em um ou mais dos participantes e necessite de atenção pessoal.*

#### **Tema**

Este seminário destina-se a ajudar os pais a educar filhos para a não violência. Ele foi elaborado na premissa de que a igreja pode ser um forte apoio aos pais em sua responsabilidade de educação dos filhos para manterem relacionamentos saudáveis.

#### **Texto Bíblico-chave**

“Todos os teus filhos serão ensinados do SENHOR; e será grande a paz de teus filhos” (Isaías 54:13).

#### **Propósito e Resumo**

Os relacionamentos nos quais as pessoas demonstram respeito, amor e disposição para ouvir um ao outro têm maior possibilidade de viverem relacionamentos pacíficos e positivos e de experimentarem menos agressão, explosões de ira e raiva e episódios violentos. A compreensão do princípio bíblico de honrar um ao outro provê a motivação fundamental para o desenvolvimento de habilidades relacionais que podem ajudar os filhos de Deus de todas as idades a conectarem-se uns com os outros de forma positiva. Este programa ajudará as famílias e a família da igreja a explorar formas proveitosas de conversar e de se relacionar que demonstram honra e apoio uns aos outros e que modelam formas não violentas de viver em união e de satisfazer as necessidades de nossos filhos.

O seminário incorpora experiências de aprendizado multigeracional por meio das quais podem ser aprendidas importantes habilidades que ajudarão os filhos a crescerem de tal maneira a se relacionarem com os outros de forma positiva. O enfoque está no desenvolvimento de um estilo de comunicação mais aprobatório, tornando-nos mais atenciosos e amorosos em nossa resposta aos outros, e aprendendo a lidar com a ira de

forma que contribua para o crescimento relacional positivo. Essas habilidades são o indício da legitimidade de relacionamentos não violentos – na família como também na igreja e na comunidade.

### **Como Usar os Materiais Deste Seminário**

Este material é um banco de idéias de atividades interativas destinado a unir a congregação em uma experiência educacional multigeracional. Os recursos do seminário são divididos como segue:

**Seção A** Preparo pessoal ou para a liderança do grupo.

**Seção B** Quebra-gelo para integrar os participantes do seminário.

**Seção C** “Banco de Idéias para Atividades” – atividades do seminário que poderão ser escolhidas de acordo com o interesse, tempo e instalações disponíveis.

**Seção D** Atividade de encerramento do seminário.

## **SEÇÃO A**

### **PREPARO PARA A LIDERANÇA**

**É necessário ter sensibilidade.** Ao explorarmos as formas de ajudar os filhos a se relacionarem com os outros de forma não violenta, é importante pensar a respeito de nossas atitudes, idéias e crenças referentes à violência e ao pensamento daqueles que nos cercam. O indivíduo pode decidir não liderar esse seminário. Há diversas razões compreensíveis para tal, e toda desculpa nesse sentido deve ser acatada – não se deve fazer perguntas.

**Pessoas capacitadas a ajudar.** Ao apresentar essas questões na igreja, mesmo entre a equipe de liderança, todos devem estar cientes de que há pessoas na comunidade como, por exemplo, o pastor, conselheiro e outros profissionais que podem ajudá-los a encontrar ajuda se eles mesmos ou outra pessoa de seu conhecimento estiverem enfrentando pessoalmente abuso e violência.

**Para meditação.** Medite em Isaías 54:13: *“Todos os teus filhos serão ensinados do SENHOR; e será grande a paz de teus filhos”.*

A paz do evangelho cristão foi trazida e a nós entregue em Cristo. Essa paz foi personificada na pessoa de Cristo. Quando Ele nasceu, a atitude de Deus para com a terra se tornou uma atitude de paz (Lucas 2:14). *“Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal”* (Jeremias 29:11). Jesus era Aquele de quem foi profetizado que seria o Príncipe da Paz (Isaías 9:6; cf. Efésios 2:14-17). Seu desejo para Seus seguidores era para que Sua paz estivesse com eles (João 14:27).

Por que é importante para as crianças conhecerem essa paz? De que maneira está em nosso poder transmiti-la a eles? A oração: “Senhor, faça de mim um instrumento da tua paz” é atribuída a São Francisco de Assis. Como podemos ser instrumentos da paz de Deus na vida de nossos filhos? Dedicamo-nos e a este seminário com isso em mente. [Se desejar partilhe algumas idéias sobre a paz como uma introdução ao seminário.]

**Perguntas que valem a pena ser consideradas.** As seguintes perguntas valem a pena ser consideradas antes de conduzir o seminário sobre como nutrir as crianças de forma a que tenham menor probabilidade de usar a violência contra os outros. Dedique-se a refletir pessoalmente nessas perguntas e discuta seus pensamentos com outros líderes do grupo.

- Que preocupações, como líder, você tem com relação à violência na família e na comunidade?
- Que mensagens sobre a violência estão sendo transmitidas pela mídia em sua região?
- De que formas sua sociedade promove os relacionamentos não violentos?
- De que forma sua sociedade pode, inadvertidamente, incentivar as pessoas a recorrerem à violência?
- O que você pensa que a Bíblia ensina a respeito da violência? Que princípios da Escritura você pode identificar? Localize os devidos textos e passagens bíblicas.
- O que você entende como os benefícios mais significativos para educar os filhos para não serem violentos?
- O que dificulta criar filhos não violentos especificamente em sua sociedade?
- Que preocupações legítimas podem surgir a respeito de encorajar os filhos a responderem de forma não violenta a todas as situações?

**Note:** *Infelizmente, as crianças devem estar cientes de que jovens ou adultos – até mesmo os membros da família e pessoas conhecidas – não podem ser confiáveis e podem tentar feri-las. As crianças devem ser ensinadas que está certo dizer “não” enfaticamente e resistir aos adultos que poderiam feri-las de alguma forma – quer por atos de violência, abuso sexual, etc. Elas necessitam saber como comunicar essas ações a um adulto em quem podem confiar.*

## SEÇÃO B

### QUEBRA-GELO: EQUIPE DE DEMOLIÇÃO OU DE CONSTRUÇÃO?

Esta atividade destina-se a iniciar o seminário ao contrastar os tipos de comunicação e ação que desenvolvem as pessoas e os relacionamentos fortes com os tipos de comunicação e comportamentos que rebaixam as pessoas e destroem os relacionamentos.

**Material necessário:**

- Quinze caixas grandes do mesmo tamanho. (Talvez possam ser conseguidas nos materiais descartados em supermercados ou lojas.)
- Papel branco para cobrir as caixas.
- Marcadores de ponta grossa, vermelho e azul (as cores usadas não têm importância, porém devem ser duas cores diferentes para ajudar na atividade).
- Marcadores com ponta grossa e tinta preta (serão necessários vários, dependendo do tamanho do grupo).

**Instruções para o planejamento:**

- Disponha as caixas formando uma parede (cinco caixas de altura e três de largura). Você acabará com uma parede feita com as 15 caixas. Dependendo do tamanho delas, e do tamanho do grupo, elas poderão estar dispostas sobre uma plataforma ou mesa a fim de que sejam vistas por todos.
- Cubra os lados das caixas que formarão as laterais da parede com papel branco. Você necessitará cobrir cada face da caixa separadamente, visto que a parede será montada e desmontada.
- Numere uma das faces de cada caixa a fim de, com facilidade, seguir as instruções para a atividade.
- Depois de embrulhadas, empilhe-as. Então, em um dos lados da parede, desenhe o contorno de uma pessoa com a caneta vermelha (ver Folha 1 – *Desenho para as Caixas*).
- No outro lado, faça o mesmo desenho com a caneta azul.

**Orientações para a Atividade de Quebra-gelo**

- No início da reunião, fale a respeito do efeito de nossas palavras e ações sobre os outros. Alguns textos bíblicos ilustram esse fato: “Alguém há cuja tagarelice é como pontas de espada” (Provérbios 12:18). “A morte e a vida estão no poder da língua” (Provérbios 18:21). Descreva como as coisas que dizemos e fazemos podem edificar a pessoa ou rebaixá-la, assim como uma equipe de construção pode levantar uma parede ou um edifício ou uma equipe de demolição pô-los abaixo.
- Convide os participantes do seminário para apresentar idéias quanto aos tipos de palavras e comportamentos que destroem as pessoas. Fale a respeito do porque essas palavras e atos são tão destrutivos às pessoas e aos relacionamentos.

- Convide aqueles que estão contribuindo com idéias para virem à frente e escrever essas palavras e atos ferinos nas caixas que contêm as partes do contorno de uma pessoa, desenhado em vermelho. (Use a caneta preta.) Isto levará alguns minutos. Cubra o esboço da pessoa – da cabeça aos pés – com as palavras, frases e descrições escritas de ações que ferem. Você pode acrescentar suas idéias se o grupo não apresentar aspectos importantes que você deseja destacar na discussão.
- Assim que os espaços ao redor do desenho forem sendo preenchidos, lentamente vá retirando as caixas e desmontando a pessoa, espalhando-as pelo chão, com as palavras e sugestões à vista do grupo. Você acabará com uma pessoa aos pedaços e totalmente desordenada.
- Em seguida, discuta com o grupo como é muito melhor quando nossas palavras e ações incentivam as pessoas ao nosso redor e encorajam-nas. “...mas a língua dos sábios é medicina” (Provérbios 18:18). “A ansiedade no coração do homem o abate, mas a boa palavra o alegra” (Provérbios 12:25). Convide as pessoas a partilharem palavras e atos bondosos que as incentivem e as tornem felizes por estarem nesse relacionamento.
- Enquanto fala, vire as caixas e monte novamente a parede, mas desta vez mostrando o contorno em azul. Convide os participantes a escreverem suas idéias positivas ao redor do contorno. Inicie com as caixas inferiores (conforme a numeração que você fez para facilitar a montagem). Então, lentamente vá empilhando as caixas até completar o desenho do contorno humano, demonstrando assim como edificar uma pessoa.
- Mantenha essa parede com o contorno da pessoa e com as palavras e ações escritas durante todo o programa. Utilize-a para ajudar o grupo a desenvolver as idéias durante outras atividades.

## SEÇÃO C

### BANCO DE IDÉIAS PARA ATIVIDADES

#### Atividade 1

#### **Relacionamentos de Honra: Jesus e os Jovens, Solitários, Fracos e Vulneráveis**

Use essa atividade para descobrir como Jesus Se relacionava com as pessoas e aprenda como Suas respostas podem moldar nossas palavras e ações para com nossos filhos.

Convide alguém para ler Romanos 12:10: “*Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros*”.

**Atividade de Grupo Pequeno:** Ver as pessoas através dos olhos de amor e maravilhas de Deus pode nos ajudar a responder a elas – especialmente aos jovens, solitários, fracos e vulneráveis – com cuidado e compaixão. Para essa atividade, divida os participantes em grupos pequenos de 4 a 6 pessoas. Atribua a cada grupo uma das

seguintes passagens bíblicas do evangelho de Lucas. Instrua-os a lerem juntos e a discutirem as perguntas abaixo. Quando os grupos encerrarem a discussão, forme novamente um único grupo para apresentar cada questão e ver o que pode ser aprendido das histórias.

- Lucas 7:36-50                      Jesus e a mulher que lhe ungiu os pés.
- Lucas 8:40-48                     Jesus e a mulher com hemorragia.
- Lucas 17:11-19                    Jesus e os leprosos.
- Lucas 18:15-17                    Jesus e as crianças.
- Lucas 19:1-10                     Jesus e Zaqueu.

### **Perguntas a serem consideradas:**

- Qual é a resposta de Jesus ao personagem (ou personagens) principal da história?
- Como Jesus demonstrou de forma prática Sua compaixão por ele (eles) e a Sua graça?
- O que Jesus disse ou fez e que transmitiu Sua honra e respeito por cada indivíduo?
- Em sua opinião o que eles mais apreciaram a respeito da resposta de Jesus para eles?
- Como você acha que esse encontro com Jesus transformou-lhes a forma de pensar a respeito de si mesmos? Como isso mudou o relacionamento deles com Jesus? Seu relacionamento com os outros?
- Que idéias práticas podemos obter do trato de Jesus com essas pessoas e com outras a quem Ele ministrou? Como Suas palavras e ações podem guiar nossa resposta a nossos filhos e a outras pessoas a quem Deus deseja transmitir Seu amor, honra e respeito por nosso intermédio?

## **Atividade 2**

### **Projetos de Provérbios**

Use esta atividade para ajudar os participantes a explorarem a sabedoria relacional do livro de Provérbios e então considere os benefícios dessa sabedoria quanto à compaixão e cuidado nos relacionamentos pessoais deles.

### **Materiais necessários:**

- Cópias dos cartões com os versos de Provérbios. Ver Folha 2 – *Projetos de Provérbios*. Faça os cartões. Cada grupo de quatro participantes receberá um cartão.
- Diversos materiais para atividades manuais (folhas grandes de papel, papel colorido, argila, marcadores coloridos, bolas de algodão, novelo de lã, etc.)
- Adesivos (cola, grude, fita adesiva).

- Folhas grandes de cartolina.
- Várias revistas.
- Pedacos de tecidos, roupas ou outros acessórios para vestuário.
- Instrumentos musicais, quando disponíveis (podem ser paus, metades de cocos, latas de refrigerante contendo feijões ou pedrinhas, etc.)
- Papel e caneta para cada participante.

#### **Atividade do Grupo Pequeno:**

- Divida o grupo em grupos pequenos com quatro integrantes (ou por família se for adequado a seu ambiente). Veja que os grupos sejam pequenos a fim de que todos possam participar.
- Entregue um cartão com o texto de Provérbios a cada grupo.
- Permita 30 minutos para discussão e preparo de uma breve encenação, mímica, música, poema, colagem, pôster ou outro recurso visual, etc. que ilustre o provérbio e/ou como ele pode ser aplicado no relacionamento diário.
- Dê a cada grupo a oportunidade de partilhar sua criação com o grupo todo.
- Depois que cada grupo tiver feito sua apresentação, abra a discussão a respeito do que aprenderam a respeito da comunicação que dá apoio, do cuidado compassivo e dos relacionamentos de honra ao trabalharem nos Projetos de Provérbios.

### **Atividade 3**

#### **O que Fazer com Este Relatório**

Use esta atividade para refletir nas necessidades básicas das crianças e de como melhorar os esforços para compreender e prover o necessário a fim de que possam influenciar poderosamente seu comportamento. Leia ou conte a seguinte história e então considerem a pergunta provida.

Na Grã Bretanha havia um homem cujo trabalho era inspecionar as prisões e assegurar-se de que os prisioneiros estavam sendo bem tratados e que o pessoal da prisão estivesse feliz. Quando o inspetor sentou-se no escritório do diretor da prisão, bebendo uma xícara de café, fez uma pergunta a este último:

-- Se eu pudesse lhe dar dinheiro a fim de ajudá-lo de alguma maneira a melhorar seu trabalho, quanto seria necessário?

O diretor pensou por um momento e então respondeu:

-- Bem, se eu perdesse todo meu pessoal aqui, mas pudesse conservar apenas uma pessoa, esta seria o terapeuta que atende na parte dos diálogos e da linguagem. Assim, imagino que gastaríamos o dinheiro em mais desses tipos de terapeutas.

O inspetor ficou surpreso! Foi-lhe uma surpresa! Ele ouvira isso do diretor de outra prisão que visitara.

-- Por que esse tipo de terapeuta? – ele perguntou.

-- Bem, posso afirmar que 90 por cento dos homens aqui têm algum problema com a linguagem e a comunicação e eu suponho que muitos deles não teriam recorrido ao crime e à violência se pudessem se expressar de forma mais clara, ajudando os outros a compreenderem suas necessidades, provendo-lhes trabalho e ensinando-os a estabelecer relacionamentos íntimos com as pessoas.

#### **Pergunta para consideração:**

- Como pais e família da igreja, o que poderíamos fazer de forma diferente visto que cremos que a melhoria da comunicação pode resultar em menos violência em nossos lares e sociedade?

#### **Atividade 4**

##### **Reflexões sobre um Poema Clássico: *As Crianças Aprendem o que Vivem***

Esta atividade destaca os resultados benéficos dos relacionamentos nos quais os membros da família, honram um ao outro e se comunicam de forma incentivadora. Use o poema para enfatizar a importância de moldar o comportamento que desejamos ver em nossos filhos através de nossas palavras e ações.

#### **Material necessário:**

- Cópias do poema para cada participante do seminário (Ver Folha 3 – *As Crianças Aprendem o que Vivem*).
- Lápis para aqueles que não trouxeram o seu.

#### **Orientações para a atividade:**

- Leia o poema em voz alta e convide as pessoas a assinalarem no verso de sua folha os pensamentos suscitados pelo poema enquanto consideram as seguintes questões:
  - Você se lembra de uma ocasião, como criança ou adulto, quando experimentou incentivo e encorajamento, em algum momento do relacionamento, com outra pessoa?
  - Que verso do poema descreve melhor sua experiência?
  - Que efeito essa experiência tem em sua vida?
  - Como esse poema pode nos ajudar a relacionarmos-nos de forma que promova saúde e bem-estar na vida de nossos filhos?

- Por onde você irá iniciar?
- Convide os membros de grupo para falarem de suas considerações com outra pessoa (se estiverem à vontade para tal).
- Depois de 5-10 minutos, peça ao grupo todo para apresentar suas contribuições e resuma as idéias em uma folha grande de papel.
- Resuma as idéias de forma positiva, tentando ver como ela pode nos ajudar a compreender o efeito da comunicação incentivadora, das atitudes respeitadas, da atenção compassiva e dos “relacionamentos” que honram aqueles com quem mantemos íntimo relacionamento.

## **Atividade 5**

### **Torne-se um Comunicador que Incentiva**

Use essa atividade para desenvolver um tipo de comunicação que incentive. Quando nos comunicamos com outras pessoas podemos escolher defender a nós mesmos, às nossas idéias ou a forma de fazer as coisas à nossa moda, conforme o nosso poder no relacionamento, ou podemos nos comunicar de forma que mostre respeito pelos outros e que convide a cooperação e a troca de idéias, esperanças e sentimentos.

#### **Materiais necessários:**

- Dois cartazes grandes para ilustrar a diferença entre a abordagem de um comunicador defensivo e de um comunicador que incentiva. Use sua criatividade para que os cartazes sejam atraentes e transmitam sua mensagem a respeito das táticas usadas pelos comunicadores defensivos e das abordagens mais positivas do comunicador incentivador.
- Dois cavaletes ou outro recurso para mostrar os cartazes a fim de que sejam visíveis a todos.

#### **Instruções para a atividade:**

- Rever os dois estilos de comunicação com o grupo todo.
- Os comunicadores defensivos usam táticas como:
  - Avaliação – julgar a outra pessoa, censurar, usar palavras como “você sempre” e “você nunca”.
  - Controlar – impor as próprias idéias sobre os outros.
  - Estratégia – manipular a situação e as outras pessoas a fim de que a sua vontade seja feita.
  - Neutralidade – mostrar falta de atenção e de preocupação com os outros.
  - Superioridade – usar o próprio conhecimento ou capacidade no relacionamento para influenciar as pessoas a fazerem as coisas da forma como desejamos que façam.
  - Certeza – declarar a sua forma de fazer as coisas como “certa” ou “melhor”.

- Os comunicadores incentivadores usam abordagens como:
  - Fazem solicitações – convidam outras pessoas a partilharem informação e sua perspectiva.
  - Partilham da responsabilidade do problema – consideram o problema como “nosso” em vez do problema da outra pessoa.
  - Espontaneidade – ser direto e honesto, dar a cada pessoa a oportunidade de falar a respeito do que acham útil na situação.
  - Compaixão – mostrar atenciosa preocupação pela outra pessoa e suas necessidades.
  - Igualdade – colocar-se em pé de igualdade com a outra pessoa, lembrando-se de que Deus não mostra parcialidade.
  - Experimentação – estar disposto a explorar alternativas diferentes para resolver um problema até que se consiga satisfazer as necessidades de todos os envolvidos.

#### **Atividade do grupo pequeno:**

- Convide os membros do grupo a trocarem idéias, caso se sintam à vontade para tal.
  - Uma experiência quando viram um comunicador defensivo em ação.
  - Uma ocasião quando podem ter usado o estilo de comunicação defensiva com seus filhos ou outro adulto.
  - Ocasião quando alguém usou essa abordagem com eles.
- Ao os participantes considerarem essas experiências com comunicadores defensivo, peça-lhes para considerarem as seguintes questões:
  - Qual foi o efeito dessa experiência sobre as pessoas que recebem tal comunicação?
  - Você acha que esta foi a resposta que o comunicador esperava alcançar?
  - Se você rebobinasse a fita e desse ao comunicador outra oportunidade, como você usaria o que aprendeu a respeito da comunicação incentivadora para conduzi-los a uma abordagem melhor? O que você gostaria de ver e dizer de forma diferente para se comunicar de forma mais positiva?

#### **Atividade 6**

##### **O Que Você Faria?**

Use esta atividade com os estudos de caso para discernir as formas não violentas de resolver situações altamente carregadas de emoção e conflito.

##### **Materiais necessários:**

- Cinco roteiros, impressos abaixo, provendo, pelo menos, um roteiro a cada grupo. Talvez poderá ser combinado, antecipadamente, com os jovens para apresentarem as dramatizações, etc.

##### **Roteiro 1**

Lucas tem quatorze anos. Enquanto está lavando o carro com seu pai, busca coragem para mencionar que alguns rapazes estão falando a respeito de suas garotas, fazendo comentários explícitos a respeito da aparência delas e do tipo de coisa que gostariam de fazer com elas. O Lucas não gosta desse tipo de conversa, mas se disser algo que contrarie seus colegas poderá ser chamado de santarrão. Estar com eles lhe provoca mal-estar no estômago, mas são os únicos amigos que ele tem.

### ***Roteiro 2***

Ana tem doze anos. Desde muito pequena tem sido vítima de piadas maldosas e muitas vezes é ameaçada pelas colegas da classe. Ela está muito triste com essa situação. Seu irmão mais velho, Daniel, sente pena dela e fica irado todas as vezes que a ouve contar a respeito dessa situação. Ele diz que quando ela estiver pronta, irá dar uma surra nas meninas que a ameaçam.

### ***Roteiro 3***

A Sara, 10 anos, está brincando com seu irmão menor. Ele pegou uma de suas bonecas e ela está com medo de que irá estragá-la. Quando tentou tirá-la da mão dele, ele não a soltou. Desesperada, ela lhe dá um beliscão. O menino começa a gritar e chorar e a mãe entra correndo no quarto.

### ***Roteiro 4***

O João tem treze anos. Ao voltar da escola, outros rapazes mais velhos se aproximam dele e tentam roubar-lhe o celular. O João resiste, mas teme que será machucado.

### ***Roteiro 5***

A família está reunida na sala. No noticiário há uma matéria apresentando a elevada incidência de violência familiar na cidade. O pai crescera tendo como vizinhos um homem que costumava bater na esposa e nos filhos, mas ele nunca conversou com a família como essa experiência o afetara ou conduziu à decisão de nunca usar a força ou a violência física em seu lar. Esse noticiário levou-o a desejar falar sobre o problema do abuso e violência com sua família, mas ele não tem certeza de como fazê-lo.

#### **Instruções da atividade:**

- Leia o roteiro atribuído a seu grupo ou observe enquanto é dramatizado (neste caso, todos os grupos irão discutir a mesma cena simultaneamente).
- Debatam nos grupos pequenos os roteiros e então com o grupo todo. Falem a respeito de como vocês podem aplicar o que aprenderam para ajudar os personagens principais a resolverem a situação na qual se encontram, de forma não violenta.

## **SEÇÃO D**

### **RESUMO**

- Dê a cada um a oportunidade de falar a respeito do que aprendeu no seminário. Então permita tempo aos participantes para falarem uns com os outros o que gostariam de fazer de forma diferente ou algo com o qual estejam mais comprometidos a fazer agora depois de terem assistido ao seminário. Para encerrar, convide-os a formarem duplas e orem um pelo outro e pelas respectivas famílias e por seus relacionamentos no círculo maior.
- Você pode fazer cópias da Folha 4 – *Educando Filhos Não Violentos* e distribuí-la como uma tarefa para casa.
- Depois do seminário, se desejar, acrescente as idéias nas caixas, e outras notas para discussão e utilize-as para escrever um relatório a respeito do seminário e colocá-lo no boletim da igreja.

**Modelo do Contorno do Corpo Humano para Ser Desenhado nas Caixas**

## CARTÕES DOS PROJETOS DE PROVÉRBIOS

<p>Provérbios 10:12</p> <p>Raiva e ódio só produzem brigas e confusão, mas o amor esquece e perdoa todas as ofensas.</p> <p>O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões</p>	<p>Provérbios 11:16</p> <p>A mulher bondosa e sincera ganha honra para si da mesma forma que os homens ricos usam sua riqueza para conseguir mais riquezas.</p> <p>A mulher aprazível obtém honra, e os homens violentos obtêm riquezas.</p>
<p>Provérbios 11:25</p> <p>Sim, a pessoa generosa terá sempre mais e mais; Ela receberá de volta todo o bem que fez a outros.</p> <p>A alma generosa prosperará, e o que regar também será regado.</p>	<p>Provérbios 15:1</p> <p>Uma resposta amiga e delicada acalma os nervos, mas quem responde com raiva provoca briga e confusão.</p> <p>A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira.</p>
<p>Provérbios 16:24</p> <p>Palavras amigas são doces como o mel – dão ânimo e criam novas forças.</p> <p>Palavras suaves são como favos de mel, doçura para a alma e saúde para o corpo.</p>	<p>Provérbios 16:32</p> <p>O homem paciente vale mais que um general que venceu muitas batalhas, porque é muito mais fácil controlar as próprias emoções do que conquistar uma cidade.</p> <p>Melhor é o longânimo do que o valente; e o que domina o seu espírito do que o que toma uma cidade.</p>
<p>Provérbios 22:11</p> <p>O homem sincero de coração e delicado no falar ganhará a amizade do rei.</p> <p>O que ama a pureza do coração, e que tem graça nos seus lábios, terá por seu amigo o rei.</p>	<p>Provérbios 11:17</p> <p>Quando você faz o bem a outra pessoa faz bem a si mesmo; quando você faz o mal a alguém está ferindo a si mesmo.</p> <p>O homem bondoso faz bem à sua, própria alma; mas o cruel faz mal a si mesmo.</p>
<p>Provérbios 15:18</p> <p>O homem de gênio violento está sempre arranjando brigas, mas o homem calmo e paciente está sempre acalmado os ânimos e evitando brigas.</p> <p>O homem iracundo suscita contendas, mas o longânimo apazigua a luta</p>	<p>Provérbios 17:1</p> <p>É melhor comer pão seco e viver em paz do que comer filé diariamente numa casa onde só existe briga e discussão.</p> <p>Melhor é um bocado seco, e com ele a tranqüilidade, do que a casa cheia de festins, com rixas.</p>

Os versos foram extraídos da Bíblia Viva e da Revista Almeida.

### Folha 2 – Projetos de Provérbios

**AS CRIANÇAS APRENDEM O QUE VIVEM**

Dorothy Law Nolte

- Se as crianças vivem em meio a críticas, aprenderão a condenar.
- Se as crianças vivem em meio à hostilidade, aprenderão a brigar.
- Se as crianças vivem sendo ridicularizadas, irão se tornar tímidas.
- Se as crianças vivem com vergonha, aprenderão o sentimento de culpa.
- Se as crianças vivem onde há incentivo, aprenderão a confiança.
- Se as crianças vivem onde ocorre a tolerância, aprenderão a paciência.
- Se as crianças vivem onde há elogios, aprenderão a apreciação.
- Se as crianças vivem onde há aceitação, aprenderão a amar.
- Se as crianças vivem onde há aprovação, aprenderão a gostar de si mesmas.
- Se as crianças vivem onde há honestidade, aprenderão a veracidade.
- Se as crianças vivem com segurança, aprenderão a crer em si mesmas e naqueles que as rodeiam.
- Se as crianças vivem em um ambiente de amizade, aprenderão que o mundo é um lugar bom para se viver.

---

Extraído do livro CHILDREN LEARN WHAT THEY LIVE  
© 1998 de Dorothy Law Nolte e Rachael Harris  
O poema "Children Learn What They Live" © Dorothy Law Nolte  
Usado mediante permissão de Workman Publishing Co., Nova Iorque. Todos direitos reservados.

## EDUCANDO FILHOS NÃO VIOLENTOS\*

**O primeiro lugar para começar a educar filhos não violentos é em nosso próprio coração.**

- Dedique tempo, a cada dia, para experimentar o amor e a paz de Deus em seu coração. Quando você conhece pessoalmente Seu amor e Sua paz, estará mais apto a transmiti-los aos outros.
- Pense como você pode mostrar a graça e amor compassivos de Deus a todas as pessoas do seu relacionamento, incluindo seus filhos e outros membros da família.
- Considere cada pessoa como um filho de Deus, a gloriosa coroação de Sua criação, e maravilhe-se diante disso.

**Trate as crianças com atenção.**

- Sempre haja com elas com ternura, de forma compassiva e com amor e firmeza a fim de que aprendam a lidar desta mesma forma com os outros.
- Demonstre respeito e honre a forma como age com elas quer nas palavras e nas ações.
- Fale com amor e respeito a elas na medida do possível.
- Lide com as questões disciplinares com generosas porções de graça.
- Incentive os filhos, desde bem pequenos, a serem amáveis com as pessoas e com a propriedade.
- Envolve-os em atos bondosos de serviço aos outros.
- Ensine-os a como tratarem com cuidado os animais de estimação.
- Ajude-os a compreenderem a dor que os outros sentem quando são tratados de forma grosseira ou fisicamente feridos.
- Permita que seus filhos saibam quando você se sente honrado e apoiado por eles. Sua afirmação e repreensão branda irão incentivá-los a honrá-los e às outras pessoas no relacionamento.

**Seja um bom modelo para seus filhos.**

- Modele o respeito e a compaixão pelos outros, não importa quem sejam. Permita que seus filhos o vejam respeitando e mostrando atenção pelas pessoas, independentemente da posição, riqueza ou sexo.
- Modele a boa administração de suas emoções, e converse a respeito de como você controla as emoções fortes quando elas se manifestam.

---

\* Reimpresso de Flowers, K. & Flowers, R. (2004). *Celebrar o Casamento!* Traduzido pela Divisão Sul-Americana. Usado com permissão.

- Ensine seus filhos a identificarem suas emoções e a encontrarem formas úteis de se expressarem.
- Modele um casamento aberto, respeitoso e amoroso a fim de que seus filhos possam ver como é um bom relacionamento. Mesmo que você não tenha o cônjuge, seus filhos podem ver como você trata bem os amigos, parentes e pessoas de seu relacionamento diário.
- Modele a igualdade de forças partilhadas no lar.

**Fale a respeito de questões importantes.**

- Use as histórias do noticiário de jornais e televisão, nas revistas, música, tudo o que aparecer na mídia ao seu alcance para conversar com seus filhos a respeito da violência nos relacionamentos. Conversem a respeito daquilo que ouvem e vêem.
- Converse a respeito de onde buscar ajuda quando houver dificuldade para respeitar os outros e relacionar-se de forma positiva.
- Façam encenações a respeito de como lidar com circunstâncias difíceis.
- Desenvolva boas habilidades de comunicação.
- Ouça seus filhos e capacite-os a darem contribuição significativa nas idéias em sua família.

**Folha 4 – Educando Filhos Não Violentos**

## Materiais

### MITOS E FATOS A RESPEITO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

(Reunido de diversos *sites* governamentais e de ONGs.)

MITO Nº 1:	<i>A violência doméstica é uma “perda de controle” – uma questão do controle da ira.</i>
FATO	O comportamento violento é uma escolha – a violência doméstica nada tem que ver com a ira. Esta é uma ferramenta que os agressores usam para obter o que desejam. Sabemos que de fato os agressores têm bastante controle porque param quando alguém bate à porta ou o telefone toca. Sempre tentam direcionar os socos e os pontapés para as partes do corpo onde os ferimentos têm menor possibilidade de serem vistos e não agredem qualquer pessoa quando estão “irados”, mas esperam até que não haja testemunhas e então praticam o abuso contra a pessoa a quem dizem que amam. A violência doméstica diz respeito ao agressor usar seu controle, e a não perdê-lo. Suas ações são extremamente deliberadas.
MITO Nº 2:	<i>A vítima é responsável pela violência porque a provoca.</i>
FATO	Ninguém pede para ser agredido. Ainda, ninguém merece sofrer agressão, independentemente, daquilo que diga ou faça. Todos têm o direito de viver sem sofrer violência. Ninguém deseja que o cônjuge seja abusivo. As mulheres cujo segundo ou terceiro parceiro são agressores, muitas vezes serão tidas pelo outros como culpadas pela violência – “deve ser algo com ela”. Na verdade, o agressor usa a tática do charme no início do relacionamento a fim de descobrir que ela já foi vítima de abuso. Então usa essa informação para culpá-la pela violência – “Veja, o problema está com você, ou seu outro companheiro também não a teria agredido” ou, para silenciá-la, “Você não irá contar para outras pessoas porque elas nunca irão acreditar visto que você já disse isso antes”.
MITO Nº 3:	<i>Se a vítima não gostar, ela pode deixar o relacionamento.</i>
FATO	As vítimas não gostam do abuso. Elas permanecem no relacionamento por muitos motivos, incluindo o medo. A maioria, por fim, acaba saindo dessa situação. A provocação da vítima na violência doméstica não é diferente do que em qualquer outro crime, ou seja não há provocação. As mulheres agredidas muitas vezes fazem repetidas tentativas de deixar o relacionamento violento, mas são impedidas devido ao aumento da violência e das táticas de controle da parte do agressor. Outros fatores que inibem a capacidade de a vítima fugir incluem a dependência econômica, poucas opções viáveis de acomodação e apoio, resposta inadequada do sistema judiciário criminal ou de outras agências, isolamento social, impedimentos culturais ou religiosos, compromisso para com o agressor e o relacionamento e medo de sofrer ainda mais violência. Estima-se que o perigo à vítima aumenta em 70% quando tenta fugir, visto que o agressor intensifica o uso da violência quando começa a perder o controle.

MITO Nº 4:	<i>A violência doméstica somente ocorre em pequena porcentagem nos relacionamentos.</i>
FATO	Estima-se que a violência doméstica ocorra em ¼ a ½ de todos os relacionamentos íntimos. Isto se aplica a relacionamentos heterossexuais como homossexuais.
MITO Nº 5:	<i>As mulheres da classe média e alta não sofrem agressões com tanta freqüência quanto as mulheres pobres.</i>
FATO	A violência doméstica ocorre em todos os níveis socioeconômicos. Visto que as mulheres com dinheiro, normalmente, têm mais acesso a outros recursos, as mulheres mais pobres tendem a utilizar as agências comunitárias e, portanto, são mais visíveis.
MITO Nº 6:	<i>Os agressores são violentos em todos os seus relacionamentos.</i>
FATO	Os agressores decidem ser violentos com seu cônjuge da forma como jamais considerariam tratar outra pessoa.
MITO Nº 7:	<i>Bebidas alcoólicas e consumo de drogas provocam o comportamento agressivo.</i>
FATO	Muitos agressores não bebem ou consomem drogas. Embora muitos cônjuges abusivos também consumam bebidas alcoólicas e/ou drogas, esta não é a causa subjacente da agressão. Muitos usam essas substâncias como desculpa para explicar sua violência.
MITO Nº 8:	<i>Se a mulher sofre agressão uma vez, será sempre agredida.</i>
FATO	Embora algumas mulheres que sofreram agressão tenham passado por mais de um relacionamento abusivo, as mulheres protegidas pelos serviços contra a violência doméstica têm menor possibilidade de entrarem em outro relacionamento abusivo.
MITO Nº 9:	<i>É fácil deixar um relacionamento abusivo, simplesmente juntando os pertences e indo embora.</i>
FATO	Isto não é verdade. O agressor tende a isolar a vítima ao não lhe dar dinheiro, impedindo-a de conseguir um trabalho, de estar com a família e amigos. A dificuldade de pagar abrigo para as crianças e sua sobrevivência tornam quase impossível o simplesmente juntar os pertences e partir.
MITO Nº 10:	<i>Somente as mulheres são vítimas da violência doméstica.</i>
FATO	Os homens também são vítimas da violência doméstica, mas muitos têm vergonha de informar o abuso. Um estudo bem divulgado, realizado pelo Dr. Murray Strauss, da Universidade de New Hampshire, revelou que as mulheres usam meios violentos para resolver o conflito no relacionamento com tanta freqüência quanto os homens. Contudo, o estudo também concluiu que quando o contexto e as conseqüências de uma agressão são medidos, a maioria das vítimas está no grupo de mulheres. O Departamento de Justiça dos EUA descobriu que 95% das vítimas de abuso praticado pelo cônjuge são mulheres. Os homens podem ser vítimas, mas isso é raro.

MITO Nº 11:	<i>As crianças em lares onde ocorre a violência tendem a se tornarem vítimas ou agressores.</i>
FATO	Isto, infelizmente, é verdade. Embora pareça que as crianças estejam dormindo ou não comentem a respeito do que vêem e ouvem, elas são afetadas. As crianças reproduzem o que os adultos fazem em sua vida e o ciclo da violência prossegue.
MITO Nº 12:	<i>Os agressores são sempre pessoas más e cruéis.</i>
FATO	Não é verdade. Algumas das pessoas mais agradáveis que você conhece são agressores e se encontram em todas as classes sociais e econômicas. Noventa por cento dos agressores não têm antecedentes criminais.
MITO Nº 13:	<i>Finalmente, o abuso irá cessar.</i>
FATO	Sem ajuda profissional, os agressores irão continuar. O abuso, normalmente, se torna mais freqüente e mais violento, algumas vezes resultando em morte.
MITO Nº 14:	<i>O ciclo da violência é rompido quando acaba o relacionamento.</i>
FATO	Os momentos mais perigosos para a vítima podem ser quando elas deixam o relacionamento sem um plano de segurança. Sem intervenção, os agressores continuarão o abuso.
MITO Nº 15:	<i>A violência doméstica é, normalmente, um caso isolado.</i>
FATO	Agredir é uma forma de coerção e controle que uma pessoa exerce sobre a outra. Agredir não é apenas um ataque físico. Isto inclui a repetição de várias táticas, incluindo intimidação, ameaças, privação econômica, isolamento e abuso psicológico e sexual. A violência física é apenas uma das táticas. As várias formas de abuso utilizadas pelos agressores os ajudam a manterem o poder e o controle sobre o cônjuge ou o/a companheiro/a.
MITO Nº 16:	<i>Os homens que agredem, geralmente, são bons pais e devem ter a guarda conjunta dos filhos caso o casal se separe.</i>
FATO	Os estudos revelam que os homens que agredem a esposa também abusam dos filhos em 70% dos casos. Mesmo quando os filhos não sofrem abuso direto, eles sofrem ao verem um cônjuge agredir o outro. Os agressores, muitas vezes demonstram acentuado interesse pelos filhos quando da separação como um meio de manter o contato, e assim controlar o cônjuge.
MITO Nº 17:	<i>Quando há violência na família, todos os membros participam na dinâmica e, portanto, todos devem mudar o comportamento para que cesse a violência.</i>
FATO	Apenas o agressor pode por fim à agressão. Agredir é uma escolha dele e, portanto, deve ser responsabilizado. Muitas mulheres agredidas fazem diversas tentativas de mudar o comportamento na esperança de que isso irá por fim ao abuso. Porém, não funciona. As mudanças no

	comportamento dos membros da família não irão alterar o comportamento violento do agressor.
MITO Nº 18:	<i>Os agressores e/ou as vítimas sofrem de baixo auto-estima.</i>
FATO	Os agressores não têm baixa auto-estima. Eles crêem que receberam poder e controle sobre seu cônjuge. Eles fingem ter baixa auto-estima se isso levar outros a crerem que a violência não é sua culpa. Os sobreviventes do abuso podem ter tido uma excelente auto-estima no início do relacionamento, mas o agressor usa o abuso emocional: usa nomes depreciativos; faz com que a pessoa se sinta inferiorizada; diz que a culpa é dela a fim de destruir sua auto-estima. Alguns agressores procuram mulheres com baixa auto-estima, visto que acreditam que ela terá maior probabilidade de culpar a si mesma e menores chances de informar a respeito do abuso. Outros agressores buscarão mulheres com elevada auto-estima visto representarem um desafio maior para exercer o controle ao longo do tempo.

## O OUTRO LADO DO SILÊNCIO

As mulheres ainda estão sendo agredidas e mortas pelos maridos e companheiros, porém, cada vez mais estão encontrando formas de combater a violência. Relatório de **Nikki van der Gaag**.

O marido de Rania al Baz estava irado porque chegou em casa e a encontrou ao telefone. Esta não fora a primeira vez que batera nela, mas desta vez quando ela implorou que não a agredisse, a resposta foi: “Bater em você? Não irei fazer isso, irei matá-la”.

Então, várias vezes esmagou-lhe o rosto contra o mármore do chão e das paredes de sua casa e tentou estrangulá-la. Ele a deixou inconsciente por algumas horas enquanto se banhava e trocava de roupa. Depois, enrolou-a em um lençol e colocou-a na perua da família.

“Quando minha filha recobrou a consciência”, relatou a mãe da Rania, “e viu que estava na perua, pensou que ele a estava levando para Obhur a fim de enterrá-la. Quando ouviu-lhe os gemidos e que estava tentando falar, talvez tenha entrado em pânico e levou-a ao Hospital de Bugshan”.

De acordo com o segurança do hospital, ele descarregou o corpo da Rania na entrada do pronto socorro e disse aos enfermeiros e ao pessoal médico que ela fora vítima de um acidente de carro e que estava morta. Então, saiu rapidamente dizendo que iria trazer as outras vítimas do acidente.

Rania al Baz é uma das poucas mulheres apresentadoras da TV na Arábia Saudita. Ela era bem conhecida por seu programa televisivo no estilo de revista: *O Reino nesta manhã*. Em decorrência da agressão, seu rosto foi fraturado em 13 lugares.

A Rania não é a única a sofrer dessa forma, o incomum foi que ela falou a respeito de seus ferimentos. As estatísticas dessa violência – muitas vezes, afrontosamente chamada de ‘doméstica’ – são estarrecedoras. Ela transpõe as fronteiras da raça e das classes. Na Europa, é a principal causa de problemas de saúde entre as mulheres de 16 a 44 anos – mais comum do que o câncer ou acidentes de trânsito. Nos EUA, uma mulher é espancada a cada 18 minutos. No Peru, 70 por cento de todos os crimes informados à polícia envolve mulheres agredidas pelos maridos.<sup>1</sup> Na Rússia, uma mulher em cada cinco é agredida regularmente pelo companheiro.<sup>2</sup> Na Índia e Bangladesh, as mulheres são assassinadas ou queimadas com ácido por não trazerem um dote suficiente para a família do marido quando se casam.

Nos últimos dez anos grandes mudanças foram estabelecidas nas leis referentes à violência doméstica, incentivadas por ativistas e mulheres como Rania que promovem campanhas e fazem lobby junto a organizações internacionais e governamentais. Em 1991, grupos de mulheres ao redor do mundo lançaram uma campanha anual de 16 dias de ativismo contra a violência sexual; agora o dia 25 de novembro é o Dia Internacional Contra a Violência Dirigida às Mulheres. Em 1994, a Declaração sobre a Eliminação de Violência Contra as Mulheres afirmou que a lei deve proteger as mulheres contra a

---

<sup>1</sup> Departamento de Informação Pública das Nações Unidas, fevereiro de 1996.

<sup>2</sup> [www.femnet.org](http://www.femnet.org).

violência nas esferas públicas e privadas. Nesse mesmo ano, a Organização dos Estados Americanos adotou a Convenção realizada em Belém do Pará, que define as ações que os governos devem tomar para eliminar a violência contra as mulheres.

Utilizando-se de todos os recursos disponíveis, cada vez mais aumentam as campanhas contra a violência sofrida pelas mulheres. Em Rajasthan, Índia, quando os membros da Sociedade Bal Rashmi – que ativamente se opõe à exploração sexual, ao estupro e à tortura e mortes relacionadas com o dote – foram presos, um alerta internacional levou à suspensão de seu julgamento. BaBe, um grupo de lobby estratégico na Croácia, tem usado a Internet para aumentar a conscientização da experiência de violência sofrida durante a guerra pelas mulheres e está estabelecendo uma nova lei referente à família que inclui ordem de prisão a homens no caso de estupro doméstico. As Mulheres que Vivem Sob as Leis Muçulmanas organizaram uma campanha na web em torno da negação dos direitos das mulheres nas sociedades islâmicas. A WomenNet, na África do Sul, usou a Internet para uma campanha contra o “Estupro”, apoiada por signatários internacionais.

Em nível nacional, muitos países aprovaram leis específicas contra a violência doméstica e tomaram outras medidas – o primeiro abrigo para mulheres que sofrem violência foi aberto na Rússia, em 1994, na Mongólia em 1995 e na China, em 1996.<sup>3</sup>

Porém, ainda somente 45 países têm leis que protegem as mulheres contra a violência doméstica e muitas destas não são regularmente cumpridas. A escala e o padrão da violência parece haver mudado um pouco nas últimas décadas – e há lugares onde ela aumentou. Onde há tensões políticas que levam a conflito e violência fora de casa, ou onde os homens sentem haverem perdido o poder devido à perda do emprego e de sua esperança para o futuro, muitas vezes descarregam sua frustração na pessoa mais próxima – a esposa, namorada ou companheira. Em alguns países, essa violência assumiu novos contornos ao as reações contra o que é visto como a “permissividade” sexual ocidental tem significado que as mulheres cada vez mais são vistas como vasos no qual a cultura é armazenada. Elas sofrem abuso e ataques se derem a aparência que estão ultrapassando os limites culturais.

Um exemplo extremo disso é o aumento do que eufemisticamente tem sido chamado de “crime de honra”. Em 2003, no Paquistão, tais crimes sofreram um aumento de 50 por cento.<sup>4</sup> Tem havido diversos exemplos nos países ocidentais também, onde há conflito entre as gerações, e os pais matam as filhas para não vê-las em um relacionamento com alguém de outro grupo étnico ou religioso. A Liga das Mulheres Muçulmanas diz que: “A confrontação do problema do ‘crime de honra’ e outros crimes que desproporcionalmente afetam as mulheres, requer mudança na atitude que permeia todos os níveis da sociedade onde tais ataques ocorrem”.<sup>5</sup>

### **Por que as mulheres permanecem nesses relacionamentos?**

As pessoas, algumas vezes, culpam as mulheres e perguntam: Por que elas continuam sofrendo por anos o abuso? Por que permanecem nesses relacionamentos? Há muitas

---

<sup>3</sup> *The Atlas of Women: an economic, social e political survey*, Joni Seager, The Women's Press, Londres, 2003.

<sup>4</sup> [www.dawn.com/weekly/cowas/20030309.htm](http://www.dawn.com/weekly/cowas/20030309.htm).

<sup>5</sup> [www.mwlnusa.org/publications/positionpapers/hk.html](http://www.mwlnusa.org/publications/positionpapers/hk.html).

respostas para essas perguntas, mas um fato é que se tentarem deixar o relacionamento irá aumentar o risco da violência. A Professora Ruth Busch da Universidade de Waikato, na Nova Zelândia/Aotearoa, diz: “O momento mais perigoso para as mulheres são os primeiros 18 meses depois da separação. Nos EUA, por exemplo, 80 por cento das mulheres que se envolveram em acidades e foram parar no pronto socorro devido a ferimentos físicos foram agredidas por companheiros desconhecidos. Na Nova Zelândia, 40 por cento das mulheres assassinadas, morrem por ocasião da mudança”.<sup>6</sup>

Ao colocar a culpa sobre as mulheres, a sociedade legitima a violência. Busch novamente diz: “Se um homem é despedido, volta para casa e chuta a companheira – qual é o resultado? Se ele tivesse entrado na sala do chefe e feito a mesma coisa com ele, haveria uma deliberação quanto às conseqüências?”

Em alguns países, as mulheres simplesmente não têm para onde ir. “Se uma mulher é agredida pelo marido e volta para a casa dos pais, é muito provável que serão enviadas de volta a seus maridos”, diz Fotou Gibba, do Gâmbia. “E se você denuncia seu marido à polícia, irá manchar a imagem da família toda. Simplesmente isso não ocorre”.

Suas palavras se aplicam a outros países também: as mulheres foram ensinadas a aceitar o que quer que seus maridos façam a elas. As pesquisas têm mostrado elevada porcentagem de mulheres que crêem que é aceitável ao marido agredir a esposa “por um ou mais motivos específicos – queimar a comida, discutir com ele, sair sem pedir permissão, negligenciar os filhos, recusar-se a ter relações sexuais”. Em Uganda, 77 por cento das mulheres pesquisadas criam dessa forma, na Turcomênia, 52 por cento, no Haiti, 40 por cento e 29 por cento no Nepal. (Ver, referência 3.)

A sociedade perdoa o silêncio. Muitas vezes a polícia fica a favor do marido ou mesmo abusa novamente da mulher. A professora universitária, Yolisa Dalamba, da África do Sul, diz: “É ... comum tomar conhecimento que muitas vezes quando as mulheres informam o estupro à polícia, são novamente estupradas por aqueles que deveriam investigar o crime. Os arquivos desaparecem e as mulheres que fizeram a queixa são acossadas e sujeitadas a mais violência”.<sup>7</sup>

As vítimas da violência doméstica, muitas vezes, temem a retaliação ou tentam proteger os filhos; ou não têm recursos financeiros além dos providos pelo agressor, ou ainda não têm para onde ir. Se deixarem o relacionamento, podem perder o apoio dos parentes e perderão sua rede de amizades, seu emprego e seu lar. Mesmo então, não podem estar seguras de que o marido ou namorado ou companheiro que praticou o abuso irão responder na justiça – ainda, elas têm uma mescla de sentimentos nesse sentido. Não surpreende que seja tão difícil para a mulher fugir desse tipo de envolvimento.

### **O que pode fazer a diferença?**

Se a legislação internacional e nacional ainda não pôs fim à violência, o que poderá fazer a diferença? Dorian Solis Corrión, vice-prefeita da cidade de Cuenca, Equador, diz: “As leis por si só não são o suficiente, é necessário que haja um programa abrangente que

---

<sup>6</sup> *Amnesty magazine*, maio-junho de 2004, edição 125.

<sup>7</sup> [www.sdn.org/women-rights/msg00011.html](http://www.sdn.org/women-rights/msg00011.html).

previna e trate das questões legais, psicológicas e de saúde relacionadas com a violência”.<sup>8</sup>

Primeiro, a sociedade como um todo deve começar a ver a questão não como um problema silencioso, confidencial do passado, mas como uma situação grave que afeta a saúde das mulheres. Um estudo realizado na Suécia diz: “deve ser empreendida uma abordagem preventiva e proativa” a qual envolva não apenas o sistema judiciário e a polícia, mas também os serviços médicos e sociais, que necessitam “considerar a vítima de forma holística e abrangente”.<sup>9</sup> Todas as partes têm de “dar a essas mulheres apoio médico, psicológico e social adequado”.

Segundo, as mulheres devem ser ouvidas. No mundo inteiro estão florescendo organizações de mulheres fazendo campanha contra a violência. Por exemplo, o Centro de Apoio às Mulheres, em San Cristóbal de las Casas, em Chiapas, no México, provê treinamento e apoio para as mulheres que vivem em extrema pobreza e incerteza, e busca especialmente mudar as tradições que aprovam o abuso contra as esposas, a violência doméstica e o incesto. Ou a Isis – Women's International Cross Cultural Exchange – em Uganda, que dá apoio às sobreviventes de violência sexual no Burundi, Ruanda, Sudão e Uganda mediante a troca de programas nos quais as mulheres partilham suas experiências.

Finalmente, visto que de forma geral os homens são os agressores, eles necessitam mudar sua atitude. “Educar os meninos e os homens a verem as mulheres como companheiras de valor na vida, no desenvolvimento da sociedade e na promoção da paz é tão importante quanto dar passos legais para proteger os direitos humanos da mulher”, diz as Nações Unidas. (Ver referência 1.) Há agora vários grupos de homens ao redor do mundo que estão trabalhando especificamente nessa questão. No Equador, o jogador mais popular do futebol uniu-se à campanha para pôr fim à violência contra as mulheres. Em Uganda, o Movimento Feminino de Educação envolveu os meninos na apresentação de temas a respeito da segurança e proteção das meninas durante um debate da escola e na escola.<sup>10</sup> A campanha mundial White Ribbon (Fita Branca), levou os homens a usarem essa fita para mostrar sua oposição à violência contra as mulheres. Foi usada por escolas na Etiópia. Em 2002, 150.000 pessoas marcharam com a Fita Branca em protesto contra a violência sofrida pelas mulheres, na Sibéria. A campanha inspirou os primeiros grupos de homens que se opõem à violência contra as mulheres, na China.<sup>11</sup>

Muitas das mulheres que sofreram agressão têm mostrado um caminho ao falarem do abuso que sofreram. Rania al Baz disse que tomou a decisão porque: “desejo usar o que aconteceu comigo e chamar a atenção para a situação das mulheres que sofrem abuso na Arábia Saudita”. Seu marido está agora sendo processado.

“A violência contra as mulheres é, talvez, a mais vergonhosa violação contra os direitos humanos”, disse o Secretário Geral das ONU, Kofi Annan. “Ainda, talvez seja a mais universal. Ela não conhece fronteiras geográficas, culturais ou econômicas. Enquanto

---

<sup>8</sup> [www.unifern.org](http://www.unifern.org).

<sup>9</sup> [www.sweden.se](http://www.sweden.se).

<sup>10</sup> UNICEF Uganda, “GEM Best Practice”, UNICEF Intranet, Gender and Development, maio de 2002.

<sup>11</sup> [www.whiteribbon.ca](http://www.whiteribbon.ca).

essa condição perdurar, não podemos dizer que estamos verdadeiramente avançando na direção da igualdade, do desenvolvimento e da paz”.

<http://www.newint.org/issue373/silence.htm>

## **A Violência Contra as Mulheres É Colocada no Domínio Público** **31 de dezembro de 1998**

Harare – a violência contra as mulheres é endêmica em todas as comunidades e países ao redor do mundo. É um fenômeno que não respeita classe, raça, idade e religião. A violência pode ser experimentada de muitas formas diferentes: pode ser física, sexual, econômica, social ou cultural, porém, de forma geral é uma combinação delas.

O resultado é que muitas mulheres no Zimbábue, dentro e fora de seus lares, vivem em constante temor de serem molestadas, assaltadas ou mortas. A violência contra as mulheres é usada pelos setores privados e públicos para negar-lhes o direito à saúde, ao bem-estar e à integridade física. É também usado para negar liberdade de expressão, liberdade de associação e participação na ampla gama de atividades incluindo o emprego e a posse de propriedade. A condição socioeconômica das mulheres, freqüentemente, é adversamente afetada pela violência em sua vida.

A Declaração Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência Contra as Mulheres foi adotada pelas Nações Unidas em dezembro de 1993. O Zimbábue ratificou essa convenção. A declaração concita todos os governos a condenarem a violência contra as mulheres e a não evocarem qualquer costume, tradição ou consideração religiosa para evitar suas obrigações com respeito à eliminação da violência contra as mulheres, quer na esfera pública ou privada.

Tradicionalmente, o lar foi projetado como um lugar de segurança e proteção. Os relacionamentos entre os membros da família são idealizados como de respeito e apoio. A realidade é muito diferente. As pesquisas e estudos recentes sugerem que ele está muito distante de ser um lugar de segurança para família e pode ser um “berço de violência”.

A cada ano, por 16 dias no mundo inteiro, as ONGs se reúnem e instruem o público em geral a respeito da violência contra as mulheres e questões afins. O tema de 1997/1998 dos 16 dias de ativismo contra a violência foi: “alguém que você conhece” porque de uma forma ou outra, todos fomos afetados por essa ameaça social.

É necessário que as meninas sejam instruídas quanto a seu valor e sua vida pessoal que pode ou não incluir as obrigações familiares. Elas têm o direito de seguirem uma profissão e de escolherem como estabelecerão o lar.

Na verdade, em certa extensão a maioria de nós não se sente vítima da violência sexual visto que o termo em si traz à mente o estupro, espancamento, incesto, molestamento sexual ou pornografia.

Mas a violência sexual implica também em outros tipos. O Artigo 2 da Convenção Sobre a Declaração de Eliminação da Violência Contra as Mulheres identifica três áreas onde a violência ocorre:

- Violência física, sexual e psicológica ocorrida na família, incluindo espancamento; abuso sexual contra as filhas no lar; violência relacionada ao dote; estupro

conjugal; mutilação genital feminina e outras práticas tradicionais prejudiciais às mulheres; violência não conjugal; e violência relacionada à exploração;

- Violência física, sexual e psicológica ocorrida na comunidade, incluindo estupro e abuso sexual; constrangimento e intimidação sexual no trabalho, nas instituições educacionais e em qualquer outra parte; tráfico de mulheres; e prostituição forçada; e
- Violência física, sexual e psicológica perpetradas ou desculpadas pelo Estado, onde quer que ocorra.

Foram feitos debates, apresentadas e discutidas as questões da violência sexual e feitas tentativas de chegar-se a soluções. O pensamento comum se concentrou na violência física e sexual que ocorre na família e na comunidade. A violência psicológica raramente é atacada. Talvez, porque a maioria das pessoas é vítima ou perpetrador desse tipo de violência.

Antes de se casar, Sibusisiwe, professora graduada, foi promovida a diretora de uma escola em Bulawayo. Ela assumiu seu trabalho por um período de um ano durante o qual se casou. Seu marido, também professor, vivia em Mutare.

Ficou estabelecido que a Sibusisiwe deveria mudar para Mutare, deixando assim seu trabalho como diretora, e contentar-se com o ser professora de uma classe. Sibusisiwe não é a única nessa situação. Ela é vítima da violência psicológica de gênero à qual está sujeita a maioria das mulheres. Onde o casal irá viver, como irão gastar a renda de ambos, quantos filhos terão são decisões importantes que devem fazer parte do processo de tomada da decisão antes do casamento.

Em outras sociedades, os acordos pré-nupciais são a norma. Talvez uma modificação disso seja aconselhável em nosso contexto. As decisões conjuntas não devem findar no casamento, visto que devem continuar “até que a morte nos separe”. A sociedade deve, portanto, criar um ambiente que incentive a tomada de decisão no lar.

As raízes da violência contra a mulher estão firmadas nas desigualdades entre os sexos em nossa sociedade. Tais desigualdades persistem ao longo da socialização. O direito de nascer da menina é percebido de forma diferente da do menino. O menino é visto como um contribuinte potencial para a renda da família.

Todos seus ganhos futuros serão revertidos para a família. Por outro lado, a menina irá crescer e se casar – ela é um bem. Irá contribuir somente com um determinado valor para a família na forma de pagamento efetuado pelo marido. Por esse motivo, a menina terá direito apenas a poucos recursos que a capacitarão a ser candidata ao casamento.

À medida que a menina cresce é pressionada pela família e pela comunidade como um todo a casar-se visto que se não o fizer será considerada como um fracasso e como uma pessoa socialmente desajustada. Em si, esta é uma forma de violência.

O processo de socialização reprime a capacidade da menina de tomar decisões por si mesma com respeito à sua instrução e carreira profissional. “Se você for muito instruída, quem irá querer casar-se com você? Se você se tornar motorista de caminhão, marceneiro, ou médica quem irá querer se casar com você? Você não sabe que os homens têm medo de mulheres instruídas?”

O pagamento feito pelo homem, tradicionalmente, lhe dá o direito sobre os papéis reprodutores e produtivos da mulher. Assim sendo, depois de casada, a mulher novamente se encontra em uma situação onde não pode tomar decisões independentes as quais são cruciais para seu bem-estar.

Isto é confirmado por crenças gerais prevalecentes na sociedade zimbabuense de que as mulheres devem ser disciplinadas da mesma forma que as crianças. As mulheres necessitam de uma palmada aqui e ali para permanecerem linha ou ficarão cheias de si.

O Projeto Musasa, uma ONG estabelecida em 1988 para tratar do problema da violência contra as mulheres recebeu a seguinte mensagem na secretária eletrônica: “Quem vocês pensam que são? Ela é minha mulher e bato nela se quiser. Eu paguei por ela, posso fazer o que quiser com ela”.

Embora ainda tenhamos essa mentalidade prevalecente em nossa sociedade, não podemos nos permitir ignorar o problema. A violência contra as mulheres é um dos mecanismos sociais-chave que obrigam as mulheres a se subordinarem aos homens.

## VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

*Dr. Paul Wangai Jr.*

### OS FATOS

A violência na família representa ameaça significativa ao bem-estar dos indivíduos e das sociedades no mundo inteiro. Essa violência desconhece idade, status social, cor, cultura e credo. Não há uma vítima típica do abuso ou de agressor, salvo que na maioria dos casos a vítima é mulher e o agressor, homem. São notadas três categorias:

- Homens que agredem mulheres (o caso mais comum).
- Mulheres que agredem os homens (raro).
- Mulheres que agredem a si mesmas (algumas vezes).

O abuso e a violência podem ser físicos, sexuais ou psicológicos por natureza. Alguns casos acabam em assassinato, suicídio ou incapacitação. O espancamento e agressão estão aumentando. Estima-se que 30% de todas as vítimas de estupro são também espancadas.

**O Abuso Físico** envolve comportamento agressivo contra outra pessoa: empurrar, beliscar, cuspir, chutar, bater, puxar os cabelos, esbofetear, golpear, esmurrar, esganar, dar choque, queimar, cacetear, lancinar, torcer os membros e confinar. Algumas vezes inclui lançar ácido, água quente ou objetos; jogar a vítima contra a parede, ou pelas escadas; mutilar com faca, tesoura ou outros objetos perigosos e o uso de armas de fogo.

**O abuso psicológico ou emocional** inclui crítica constante e mordaz, rebaixamento, menosprezo e nomes depreciativos. Pode também incluir ameaças verbais, episódios de ira, depreciação do caráter da pessoa, linguagem violenta, isolamento, privação e destruição violenta de propriedade da vítima tais como roupas, móveis e animais de estimação.

**O abuso sexual** pode incluir carícias e toques impróprios ou observações verbais, ou mesmo ato sexual forçado de incesto, molestação, estupro, prostituição forçada, contato oral/genital ou carícias genitais ou no seio. Um adulto em posição de confiança que se aproveita da vulnerabilidade da vítima ou do relacionamento de confiança para satisfazer suas próprias necessidades ou desejos.

Os cristãos não estão livres desse problema. Trinta por cento dos agressores provêm de lares não violentos. Contudo, o testemunho da violência doméstica pela criança tem sido identificado como um dos fatores de risco mais comuns para se tornar agressor na vida adulta. Este é um comportamento aprendido. Uma escolha feita pelo agressor. A agressão é sempre errada. Ela pode ser controlada e deve ser prevenida. Esta é uma área na qual Deus espera que Seus filhos ajam.

### Quando os Homens Agredem

Estudos mundiais mostram aspectos comuns no comportamento da violência doméstica. As razões são:

- Domínio físico: manter o poder e o controle no relacionamento. Tentar forçar o controle ao invés de conquistá-lo.
- Status: Derivar o prestígio e o status ao subjugar e agredir para obter a submissão.
- Visão negativa das mulheres: como inferiores ou objetos de uso; não a vêem como pessoa de valor dada por Deus para a humanidade. As mulheres são vistas como objetos criados para seu prazer.
- Influências culturais: degradação do papel tradicional dos sexos com a desumanização sutil da mulher.
- Falta de responsabilização: os homens raramente são responsabilizados pelo abuso visto que as mulheres o mantêm oculto.
- Motivo adicional: leis impróprias, falta de recursos, silêncio, tudo como parte da sociedade dominada pelos homens.

### **Porque as Mulheres Agredidas Permanecem no Relacionamento e Não Saem**

- Para evitar mais violência: maior violência é desencadeada quando tentam deixar o relacionamento. Aquelas que fogem têm 95% maiores probabilidades de serem assassinadas pelo agressor em relação às que permanecem no relacionamento. Os agressores podem segui-las para matá-las, aos filhos ou membros da família.
- Vergonha: pressões da família e da sociedade para manter a família unida “a todo custo”. Muitas são pressionadas a manterem seus “deveres cristãos” de prover um bom lar para os filhos, mantendo o silêncio a despeito do abuso. Por medo de incorrer no desagrado de Deus se deixarem o relacionamento e assim crendo que seu “sacrifício” é aceitável a (e esperado por) Deus. Sair é considerado como “fraqueza” visto que deveriam ser “suficientemente fortes” para perseverarem.
- Falta de apoio: muitas vezes as vítimas são isoladas, mantidas distantes dos familiares e amigos. Além do mais, com frequência, são financeiramente dependentes do agressor para sua subsistência.
- Amor: algumas mulheres verdadeiramente amam seus companheiros a despeito da violência. Elas permanecem na esperança de um momento mágico quando ocorrerá uma mudança. Além do mais, não é dito que “todas as coisas são possíveis com Deus”?
- Medo de pecar: elas presumem que se deixarem o relacionamento estarão transgredindo a Escritura que diz: “homem algum o separe” e “até que a morte os separe”. Assim se sentem obrigadas a perseverar e “dar a outra face”, e até mesmo a orarem pelo agressor.

### **O Ciclo do Abuso**

O ciclo do abuso tem três fases que variam no tempo e na intensidade. Contudo, o padrão é sempre o mesmo:

**Fase Um: Estabelecimento da Tensão** – A esposa tenta cuidadosamente evitar os comportamentos que sabe desagradam o marido, mas ele segue observando-a, buscando motivos para acusá-la. Irá incitá-la por ridiculização, ameaças, impondo restrições ou outros incidentes sem importância para iniciar a briga. Isto pode durar um longo período (mesmo anos) e quando a tensão se estabelece, ele acumula sobre ela a agressão: discursos sobre as faltas, beliscões, tapas, demonstração de ira ou simplesmente frustrar-lhe os esforços para ser boa com ele.

**Fase Dois: Estágio da Explosão Aguda** – A ira foge do controle e o espancamento parece ser uma oportunidade de “ensinar-lhe uma lição”. O menor incidente desencadeia uma explosão e demonstração de força física que descarrega toda a tensão estabelecida na fase um. Ocorre violência grave e incontrolável – choque, socos, esfaqueamento, torcedura, queimar, lançar longe ou algum outro ato violento como os acima mencionados.

O reino do terror pode durar horas ou semanas. A esposa pode se esconder depois do espancamento a fim de que os demais não saibam o que aconteceu. Algumas podem fugir ou buscar ajuda nesse estágio.

**Fase Três: Estágio de Calmaria, Resolução e Amor** – Depois que a ira do agressor é liberada, a tensão diminui. Ele dá demonstrações de remorso e pode até mesmo pedir perdão; prometer corrigir-se. Esse período de amabilidade, de contrição e de amor pode ser muito enganoso. Ele chora, mostra arrependimento, dá presentes, é amoroso e faz promessas. Pode até mesmo ameaçar suicídio se ela o deixar. A maioria das mulheres deseja crer que o marido mudou e tem a disposição de dar-lhe outra oportunidade. Quando o estágio da resolução é aceito, este é apenas um prelúdio para a repetição da fase do estabelecimento da tensão no ciclo acima descrito. E tudo inicia novamente.

## O que Podemos Fazer?

### Pela Vítima

- Encontrar um lugar seguro para ela e para as crianças em abrigos para vítimas de abuso.
- Ser compreensivo e ter empatia – dar apoio emocional.
- Enfatizar a aceitação de Deus – Ela a ama a despeito dos atos de seu marido os quais não são a verdadeira representação de Deus. Ela foi criada à imagem de Deus e é digna de respeito e de honra.
- Encaminhá-la a um profissional que possa ajudá-la – o aconselhamento é fundamental a fim de resgatar a auto-estima e para anular o sentimento de culpa.
- Ouvir e concordar com os sentimentos da vítima – a pressão é aliviada quando ela fala repetidamente sobre as agressões. O medo é eliminado pelas lágrimas - suas e da vítima.
- Apoiar mediante a oração – a estrutura da oração inclui o seguinte:
  - Louvar – Louvar a Deus por suas qualidades de amor, compaixão e poder.
  - Confissão – Admitir os erros na dificuldade atual.
  - Gratidão – Encontrar algo positivo pelo que agradecer a Deus.
  - Petição – Mencionar necessidades específicas. Ser honesta com Deus.
- Ajudar a vítima a reconhecer que não pode mudar e que não é responsável pela atitude do agressor, não importa o quanto ela mude suas ações.

### Pelo Agressor

- Se ele estiver aberto ao aconselhamento, encaminhá-lo a um conselheiro que o ajude a explorar as questões que desencadeiam a resposta abusiva.
- Ajudá-lo a admitir que ele é o único responsável por suas ações e portanto, somente ele pode mudar seu comportamento.
- Prover e aprender novas formas de lidar com a ira e o ressentimento.

- Levá-lo a reconhecer o abuso como criminoso e sujeito a disciplina.
- Ajudá-lo a entender que o comportamento abusivo é aprendido e, portanto, pode ser desaprendido.
- Se ele não estiver aberto ao aconselhamento, buscar ajuda junto a conselheiros profissionais a respeito de como executar o “amor atencioso” e levá-lo a enxergar seu problema, obrigando-o a aceitar a necessidade de ajuda.

### **Como Comunidade**

- Responsabilizar os agressores, não importando sua condição de riqueza, instrução ou status. Ao assim proceder, estaremos sendo uma comunidade que promove a cura.
- Crer na vítima e ajudá-la de forma prática – alimento, abrigo, refúgio.
- Buscar as devidas autoridades para pôr fim à continuidade do ciclo da violência.
- Prover materiais para o enriquecimento conjugal. O lar foi designado para ser um refúgio contra os estresses da vida. O céu em um mundo caótico. Um lugar onde podemos nos esconder da “loucura” da vida agitada. Quando reina a violência doméstica, o lar se torna um lugar aterrador para a esposa e os filhos.
- Fazer com que a Igreja proveja protocolos para ajudar as vítimas. O que acontece na família não é assunto particular quando se trata de violência doméstica. Os estudos revelam que duas vezes mais as vítimas buscam a ajuda do pastor do que do médico ou de conselheiros. Os pastores não devem considerar como de pouca importância a ajuda que a vítima está buscando; antes devem levar a sério o comportamento abusivo do agressor e responsabilizá-lo. Eles devem pregar sermões e realizar seminários que destaquem o problema e conscientizem as pessoas.

### **COMO RECONHECER O AGRESSOR POTENCIAL**

Embora não haja um estereótipo do agressor, há dez maneiras de reconhecer a tendência de comportamento abusivo.

1. Ele tem a tendência de evitar os problemas em vez de enfrentá-los.
2. Demonstra sentimentos de insegurança e de inferioridade.
3. Tem muito orgulho de sua força física.
4. É muito possessivo e demonstra ciúmes excessivos do tempo do companheiro, de sua família e amigos.
5. Tem comportamento violento para com objetos e animais.
6. É inflexível quanto a suas idéias dos papéis do homem e da mulher.
7. Perde a paciência com freqüência.
8. A companheira se empenha por não deixá-lo zangado.
9. Ele manifesta extremos emocional e socialmente. Pode parecer ser extremamente cruel em um momento e extraordinariamente amável no outro.

10. Sofreu agressão física quando criança ou viu o pai agredir a mãe.

### **RESPOSTA DA IGREJA**

Como um “abrigo” nas “tempestades” da vida, a igreja é o veículo de Deus para restaurar a cura na sociedade. Dos púlpitos devem ser apresentados sermões que tratem da violência doméstica e que enalteçam a santidade da vida. O ser humano é o bem mais precioso de Deus no universo. Todo comportamento que degrada, fere e abusa é contrário à vontade de Deus para a humanidade. Os cristãos devem conhecer a incompatibilidade do abuso e da violência doméstica com a compreensão bíblica dos relacionamentos cristãos.

O papel de ensino da igreja é inestimável. Ela deve prover instrução e conscientização com respeito: ao ciclo do abuso, a estatísticas locais referentes ao abuso, à paternidade e a disciplina, ao perfil da personalidade, às habilidades de comunicação, à resolução de conflito e onde as vítimas podem obter ajuda e os agressores serem responsabilizados por suas ações.

De vital importância é a disponibilidade de um local de abrigo (casa de abrigo), onde as vítimas (esposas, mães, filhos) possam ser protegidas em caso de emergência. Associado a esses “abrigos” deve haver uma rede de colaboradores e amigos. A maioria dos governos tem uma estrutura legal onde informar as autoridades quanto ao abuso e ocorrência de violência. O pastor ou rede de ajuda deve ser o elo de comunicação entre as autoridades e a casa de abrigo. Essa medida faz com que os agressores compreendam que seus atos são inaceitáveis à família, à igreja e às autoridades legais. É uma forma de dizer: “Importamo-nos suficientemente com você e assim o responsabilizamos por seu comportamento destrutivo à sua pessoa e à sua família” (Horton e Williamson).

O papel do pastor é inestimável como parte da equipe de tratamento. O incentivo e a certeza da rica compaixão de Deus e de Seu perdão são fundamentais para a cura da vítima; embora o arrependimento (incluindo a restauração quando possível) e o perdão sejam também essenciais para o agressor.

A Igreja é a comunidade de cura na sociedade. Sua resposta às vítimas da violência doméstica e aos agressores é parte de sua missão divina em um “mundo caído” com uma sociedade “enferma pelo pecado” que “gera” a violência doméstica. Seu papel na proteção das vítimas, do fazer cessar o abuso, de salvaguardar o relacionamento e de facilitar a reconciliação é parte do ministério de Deus a este mundo.

*O Dr. Paul Wangai, Jr, é Diretor dos  
Ministérios da Saúde da Divisão da África Oriental*

## RECEBI FLORES HOJE

Recebi flores hoje. Não é meu aniversário e não há qualquer comemoração especial. Tivemos nossa primeira briga ontem à noite. Ele disse muitas coisas cruéis que realmente me feriram. Sei que ele está arrependido e que não queria dizer tudo aquilo que me magoou. Sei disso porque hoje ele me enviou flores.

Recebi flores hoje. Não é nosso aniversário ou outro dia especial. Na noite passada, ele me jogou contra a parede e começou a me estrangular. Parecia um pesadelo. Não podia crer que fosse real. Acordei nesta manhã dolorida e cheia de hematomas. Sei que ele deve estar arrependido porque hoje me enviou flores.

Recebi flores hoje e não é o Dia das Mães ou qualquer outra data especial. Desta vez foi muito pior do que as outras. Se o deixar, o que irei fazer? Como irei cuidar dos meus filhos? Como iremos nos sustentar? Estou com medo dele e apavorada com a idéia de fugir. Mas sei que ele está arrependido. Hoje ele me enviou flores.

Recebi flores hoje por ser um dia muito especial. É o dia do meu funeral. Na noite passada, finalmente ele me matou. Espancou-me até a morte. Se tão-somente eu tivesse reunido coragem suficiente e forças para deixá-lo, não estaria recebendo as flores ... hoje.

Cortesia da Internet.

## DECLARAÇÃO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A violência doméstica inclui qualquer tipo de agressão – verbal, física, emocional, sexual ou negligência ativa ou passiva – cometido por uma pessoa ou pessoas contra outra dentro de uma família, quer sejam casadas, aparentadas, vivendo juntas, separadas ou divorciadas. Estudos intencionais recentes indicam que a violência doméstica é um problema global. Ocorre entre indivíduos de todas as idades e nacionalidades, em todos os níveis socioeconômicos e em família de todos os tipos de formação, religiosas e não-religiosas. Descobriu-se que o índice global de incidência é semelhante em comunidades metropolitanas, suburbanas e rurais.

A violência doméstica se manifesta de várias maneiras. Por exemplo, pode ser um ataque físico ao cônjuge. Agressões emocionais tais como ameaças verbais, ataques de furor, depreciação do caráter e exigências irreais de perfeição são também abuso. Pode assumir a forma de coerção e violência física dentro da relação sexual conjugal, ou a ameaça de violência por meio de intimidação. Inclui comportamentos como incesto e maus-tratos ou negligência de crianças pelo pai ou guardião que resulte em insulto ou dano. A violência contra o idoso pode ser vista no abuso ou negligência física, psicológica, sexual, verbal, material e medicinal.

A Bíblia indica com clareza que a marca distinta do cristão é a qualidade de suas relações humanas na igreja e na família. Está no espírito de Cristo amar e aceitar, procurar e incentivar e edificar os outros, ao invés de maltratar ou derrubar. Não há lugar entre os seguidores de Cristo para o controle tirânico e o abuso do poder e da autoridade. Motivados pelo amor a Cristo, Seus discípulos são chamados a mostrar respeito e consideração pelo bem-estar dos outros, aceitar homens e mulheres como iguais e reconhecer que cada pessoa tem o direito ao respeito e à dignidade. A falha em relacionar-se com os outros desta maneira viola sua personalidade e desvaloriza os seres humanos criados e redimidos por Deus.

O apóstolo Paulo se refere à igreja como “a família da fé”, que funciona como uma família ampliada, oferecendo aceitação, compreensão e conforto, principalmente a todos aqueles que estão sofrendo ou em desvantagem. As Escrituras retratam a igreja como uma família onde o crescimento pessoal e espiritual ocorre à medida que os sentimentos de traição, rejeição e pesar dão lugar a sentimentos de perdão, confiança e integridade. A Bíblia fala também da responsabilidade pessoal do cristão de proteger-se da profanação de seu corpo, que é um templo, o lugar da habitação de Deus.

Lamentavelmente, a violência doméstica ocorre em muitos lares cristãos. Ela jamais pode ser justificada. Afeta severamente, a longo prazo, a vida de todos os envolvidos e freqüentemente resulta em percepções distorcidas de Deus, de si mesmo e dos outros.

Creemos que a igreja tem a responsabilidade de:

1. Interessar-se pelos envolvidos em violência doméstica e mostrar-se sensível às suas necessidades. Para isso, a igreja deve:

- a. Ouvir e aceitar aqueles que sofrem de abuso, amando-os e amparando-os como pessoas de valor e dignidade.
  - b. Realçar as injustiças dos maus-tratos e falar em defesa das vítimas tanto dentro da comunidade de fé quanto na sociedade.
  - c. Oferecer um ministério que apóie as famílias afligidas por violência e maus-tratos. A igreja deve prover acesso para as vítimas e os agressores ao aconselhamento profissional adventista onde for disponível ou a profissionais da sociedade.
  - d. Incentivar o treinamento e o oferecimento de serviços profissionais adventistas autorizados tanto para os membros da igreja quanto para a comunidade.
  - e. Oferecer um ministério de reconciliação quando o arrependimento do agressor abrir a possibilidade de perdão e a restauração dos relacionamentos. O arrependimento sempre inclui aceitação de plena responsabilidade pelos danos cometidos, disposição de restituição de todas as maneiras possíveis e mudança no comportamento a fim de eliminar o abuso.
  - f. Focalizar a luz do evangelho sobre a natureza dos relacionamentos marido-esposa, pai-filho e outros relacionamentos íntimos, e habilitar os indivíduos e famílias a crescer juntos nos ideais de Deus para sua vida.
  - g. Evitar o ostracismo das vítimas e dos agressores dentro da família ou da comunidade, embora responsabilizando firmemente os agressores por suas ações.
- 2.** Fortalecer a vida familiar. Isso se consegue através de:
- a. Orientação sobre a vida familiar, enfatizando a generosidade, abrangendo uma compreensão bíblica da mutualidade, igualdade e respeito indispensáveis aos relacionamentos cristãos.
  - b. Compreensão dos fatores que contribuem para a violência na família.
  - c. Desenvolvimento de maneiras de prevenir o abuso e a violência, e de quebrar o ciclo repetitivo observado freqüentemente dentro das famílias por várias gerações.
  - d. Correção de crenças religiosas e culturais usadas freqüentemente para justificar ou encobrir a violência na família. Por exemplo, embora os pais sejam instruídos por Deus a corrigir seus filhos e salvá-los, essa responsabilidade não dá direito ao uso de medidas disciplinares ásperas e punitivas.
- 3.** Aceitar a responsabilidade moral de estarmos alertas e de reagirmos ao abuso nas famílias de nossas congregações e comunidades, declarando que tal comportamento abusivo é uma violação das normas adventistas da vida. Nenhuma indicação ou

informação de abuso deve ser minimizada, e sim considerada seriamente. Se os membros da igreja permanecerem indiferentes ou passivos, estarão justificando, perpetuando e possivelmente aumentando a violência doméstica.

Se devemos viver como filhos da luz, devemos iluminar as trevas onde a violência familiar ocorre em nosso meio. Devemos cuidar uns dos outros, mesmo quando seja mais fácil não nos envolvermos.

---

Esta declaração acima é baseada em princípios expressos nas seguintes passagens bíblicas: Êxo. 20:12; Mat. 7:12; 20:25-28; Mar. 9:33-45; João 13:34; Rom. 12:10 e 13; I Cor. 6:19; Gal. 3:28; Efés. 5:2, 3, 21-17; 6:1-4; Col. 3:12-14; I Tes. 5:11; I Tim. 5:5-8.

---

Esta declaração foi votada pela Comissão Administrativa da Associação Geral em 27 de agosto de 1996 e enviada para consideração pelo Concílio Anual realizado em São José, Costa Rica, de 1 a 10 de outubro de 1996.

## DECLARAÇÃO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA SOBRE

### ABUSO SEXUAL DE MENORES

O abuso sexual infantil ocorre quando uma pessoa maior ou mais forte do que uma criança usa seu poder, autoridade ou posição de confiança para envolvê-la em atividade ou comportamento sexual. O incesto, uma forma específica de abuso sexual infantil, é definido como qualquer atividade sexual entre uma criança e um pai, irmão, membro da família ou padrasto.

Os abusadores sexuais podem ser homens ou mulheres de qualquer idade, nacionalidade ou posição sócio-econômica. Geralmente são homens casados e com filhos, têm empregos respeitáveis e podem ser freqüentadores regulares de igreja. É comum o infrator negar seu comportamento abusivo, recusar a ver suas ações como um problema, racionalizar seu comportamento ou pôr a culpa em alguém ou em algo. É verdade que muitos abusadores têm raízes profundas de insegurança e baixa auto-estima; no entanto, esses problemas nunca deveriam ser aceitos como desculpa para abusar sexualmente de uma criança. A maioria das autoridades no assunto concorda que o verdadeiro motivo do abuso sexual infantil está mais relacionado com o desejo de poder e controle do que com o sexo.

Quando Deus criou a família humana, Ele começou com a união entre um homem e uma mulher. Esse relacionamento, baseado no amor e confiança mútuos, ainda é designado para prover o fundamento para uma família estável e feliz, na qual a dignidade o valor e a integridade de cada membro estejam protegidos e assegurados. Cada criança, quer menino ou menina, é um presente de Deus. Os pais têm o privilégio e a responsabilidade de prover educação, proteção e cuidado físico para a criança confiada a eles por Deus. As crianças devem poder honrar, respeitar e confiar nos seus pais e em outros membros da família sem o risco de abuso.

A Bíblia condena o abuso sexual infantil com os termos mais fortes. Ela considera um ato de traição e uma violação total da personalidade qualquer tentativa de confundir, manchar ou denegrir os limites pessoais, generativos ou sexuais pelo comportamento sexual abusivo. Condena o abuso de poder, autoridade, responsabilidade, porque isso tem um impacto nos sentimentos mais profundos da vítima sobre si própria, os outros e Deus, e porque enfraquece sua capacidade de amar e confiar. Jesus usou uma linguagem forte para condenar as ações de pessoas que, por palavras ou atos, levassem uma criança a tropeçar.

A comunidade cristã adventista não está imune ao abuso sexual infantil. Cremos que os princípios da fé adventista requerem que estejamos ativamente envolvidos na sua prevenção. Estamos também comprometidos em ajudar espiritualmente as pessoas que sofreram ou cometeram abuso sexual e suas famílias no processo de cura e recuperação. E estamos comprometidos em assegurar que os obreiros ou líderes voluntários sejam responsáveis por manter um comportamento apropriado a pessoas em posição de liderança e confiança espiritual.

Cremos que, como igreja, temos a responsabilidade de:

1. Manter os princípios de Cristo para as relações familiares, nas quais o respeito próprio, a dignidade e a pureza da criança são reconhecidos como direitos conferidos por Deus.
2. Prover uma atmosfera onde crianças que sofreram abuso sexual possam sentir-se seguras ao falarem sobre o abuso e sentir que alguém as ouvirá.
3. Estar informados sobre o abuso sexual e seu impacto sobre nossa própria comunidade.
4. Ajudar ministros e líderes leigos a reconhecer os sinais de aviso de abuso sexual infantil e saber como reagir de maneira apropriada quando suspeitarem de abuso ou quando uma criança contar que está sofrendo abuso sexual.
5. Estabelecer pontes com conselheiros profissionais e entidades protetoras contra a agressão sexual que possam, com suas habilidades profissionais, ajudar as vítimas do abuso e seus familiares.
6. Criar diretrizes nos níveis apropriados para ajudar líderes de igreja a: (1) esforçar-se para tratar com justiça pessoas acusadas de abusar sexualmente de crianças; e (2) responsabilizar os agressores por suas ações e administrar a disciplina apropriada.
7. Apoiar a educação e o enriquecimento das famílias e seus membros. Isso pode ser feito por meio dos seguintes passos:
  - a. Modificando as crenças religiosas e culturais que possam ser usadas para justificar ou encobrir o abuso sexual infantil.
  - b. Construindo um senso saudável de valor pessoal em cada criança que a capacite a respeitar a si mesma e a outros.
  - c. Incentivando relacionamentos cristão entre homens e mulheres no lar e na igreja.
8. Desenvolver um ministério redentor de apoio dentro da comunidade da igreja para as vítimas de abuso e os agressores, ajudando-os a acessar a rede disponível de recursos profissionais na comunidade.
9. Encorajar o treinamento de mais profissionais na área familiar para facilitar a cura e o processo de recuperação das vítimas de abuso e dos agressores.

---

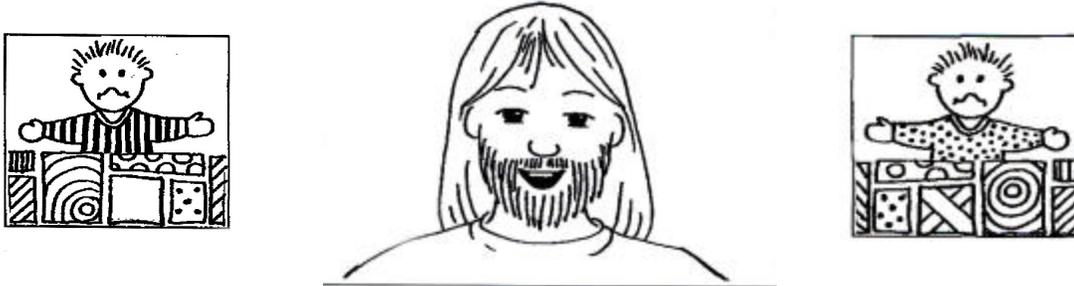
Este documento está baseado em princípios expressos nas seguintes passagens bíblicas: Gên. 1:26-28; 2:18-25; Lev. 18:20; II Sam. 12:1-22; Mat. 18:6-9; I Cor. 5:1-5; Efés. 6:1-4; Col. 3:18-21; I Tim. 5:5-8.

---

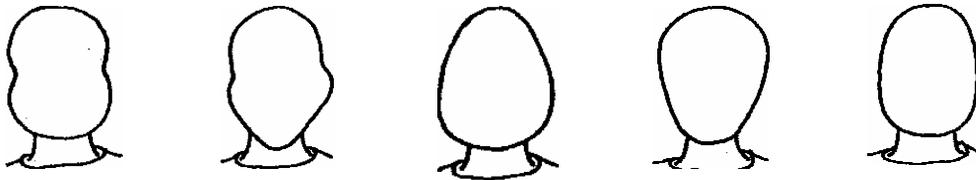
Esta declaração foi votada em 1 de abril de 1997, durante o Concílio da Primavera da Comissão Executiva da Associação Geral realizado em Loma Linda, Califórnia.

## DIA DE CONSCIENTIZAÇÃO CONTRA O ABUSO PÁGINA DA CRIANÇA

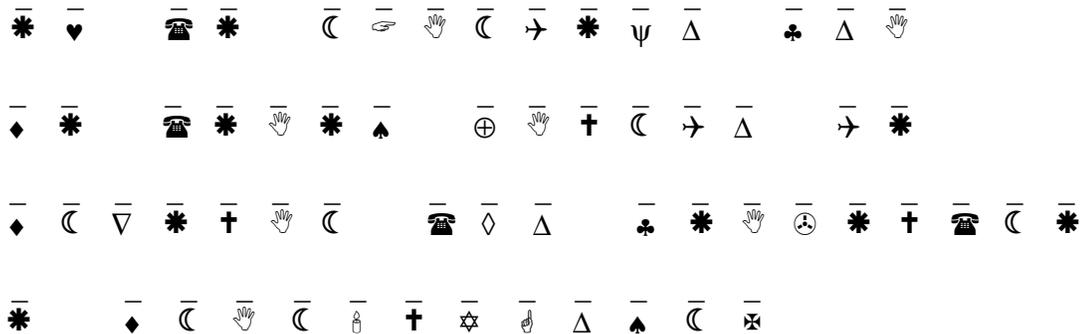
1. Descubra as 8 diferenças entre as duas figuras refletidas em espelho.



2. Cada pessoa é diferente. Seus cabelos, olhos, nariz e sorriso são diferentes. Você consegue desenhar rostos diferentes?



3. Descubra o que diz o Salmo 139:14, BV, ao seguir o código abaixo:



E	A	U	T	G	O	Ç	P	R	M	S	C	I	D	N	Â	V	S	L	H	!	F
*	☾	♥	☎	☞	Δ	ψ	♣	✎	◆	♠	⊕	†	➔	▽	◇	☹	♠	☆	✎	✎	☹

4. Quando encontramos alguém cuja aparência é diferente o que devemos fazer?
- Sorrir.                       Ser amigo.                       Detestá-la.                       Caçoar dela.  
 Fazer cara feia.                       Amar a pessoa.                       Aceitá-la.                       Rejeitá-la.

Deus fez cada pessoa diferente porque: \_\_\_\_\_

5. Pinte o rosto de Jesus e os dois bonecos. Então, dobre nas linhas pontilhadas ( - - - - ) para ver quem está segurando os bonecos.

